

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**O Voluntariado como promotor da vivência de valores e
construtor de uma cidadania ativa**

Teresa Maria Guimarães Gonçalves Dias

Dissertação

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação Pessoal e Social

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**O Voluntariado como promotor da vivência de valores
e construtor de uma cidadania ativa**

Teresa Maria Guimarães Gonçalves Dias

**Dissertação orientada
pela Professora Doutora Carolina Carvalho**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

2014

À minha mãe, *in memoriam*,
meu primeiro exemplo de Voluntariado.

RESUMO

O presente trabalho desenvolveu-se com base na constatação da escassez de estudos sobre o voluntariado na educação, e na convicção da pertinência e premência em conhecer como o voluntariado contribui para um desenvolvimento global e harmonioso de toda a pessoa humana.

Este estudo pretendeu analisar um Projeto de voluntariado em contexto escolar e o seu impacto nas pessoas envolvidas, e na comunidade envolvente. O estudo inscreve-se no paradigma qualitativo, de natureza interpretativa, estando organizado na forma de um estudo de caso.

O Projeto de que resultou o presente estudo surgiu da necessidade de prestar apoio escolar, a adolescentes de uma bairro periférico de Lisboa, a frequentar escolas públicas, desprovido de qualquer espaço para acompanhar alunos fora do seu horário letivo, por exemplo, um Centro de Atividades de Tempos Livres (ATL). Aos vários apelos por parte da paróquia local, um estabelecimento de ensino privado de Lisboa, criou o Projeto com recurso a elementos da sua comunidade educativa, em regime de voluntariado.

A opção metodológica foi de um estudo de caso descritivo-interpretativo, numa abordagem predominantemente qualitativa onde se procura responder a questões de “como” e “porquê”, e onde a temporalidade e o espaço do fenómeno em estudo estão bem limitados e são naturais. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas, observação naturalista às atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto e pesquisa documental.

Os dados recolhidos apontaram para o impacto positivo do Projeto nas vidas dos envolvidos, alunos e professores, revelando resultados importantes ao nível da vivência de valores. O exercício de voluntariado assumiu um significado relevante na prática de uma cidadania ativa, e ganhos expressivos na sustentabilidade da comunidade onde se implantou o Projeto.

Palavras-chave: Voluntariado; Valores; Cidadania Ativa.

ABSTRACT

The present work is based on the finding of lack of studies on volunteering in education, and the conviction of the relevance and urgency in knowing how volunteering contributes to an overall harmonious development of every human person.

This study sought to examine a Project volunteer in schools and its impact on the people involved and the surrounding community. The study falls within the qualitative paradigm, the interpretive nature, is organized in the form of a case study.

The Project that resulted in the present study arose from the need to provide school support, teenagers from a suburb of Lisbon, to attend public schools, lacking any space to keep students out of their school hours, for example, an Activity Center Free Time (ATL). To several appeals by the local parish, establishment of private school in Lisbon, created the design using elements of their educational community on a volunteer basis.

The methodological approach was a descriptive-interpretive case study of a predominantly qualitative approach, which seeks to answer questions of "how" and "why", and which temporality and space of the phenomenon under study are very limited and are natural. Data were collected through semi-structured interviews, naturalistic observation activities developed under the Project and documentary research.

The data collected pointed to the positive impact of the Project on the lives of those involved, students and teachers, revealing important at the level of experience of values results. The voluntary exercise assumed a relevant meaning in the practice of active citizenship, and significant gains in the sustainability of the community where the Project is implemented.

Keywords: Volunteering; Values; Active Citizenship.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Carolina Carvalho pela sua disponibilidade, partilha de conhecimentos, paciência e constante encorajamento; os diálogos que mantivemos foram um bálsamo reconfortante e construtivo face às dúvidas, bloqueios e desalentos.

Aos meus professores do 1º ano do curso de mestrado, pelos ensinamentos que favoreceram o desabrochar da temática de trabalho e das metodologias a empreender.

À Direção da escola promotora do Projeto estudado, representada na sua Coordenadora Pedagógica pela sua receptividade; à Coordenadora de Projetos pela informação e, ainda, ao mentor do Projeto pela sua disponibilidade, abertura, e entusiasmo criativo, próprio de quem acredita no sucesso deste tipo de Projetos.

À minha boa amiga de sempre, Maria Alice, pelo ânimo que impulsionou o meu trabalho.

À Coordenação das equipas de voluntariado do Hospital Garcia de Orta, Almada, que me permitiram um primeiro contacto com práticas de voluntariado.

Aos meus amigos, colegas de trabalho e adolescentes com quem privei ou trabalhei, que ao longo do tempo, pela sua amizade e experiências de vida em comum, me permitiram novas perspetivas de desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos meus pais, pelo seu exemplo de vida e valores transmitidos, norteados pelo respeito pelo Outro, honestidade e valorização do trabalho.

À minha filha, Ana Margarida e meu marido, José, companheiros do meu percurso de vida, sempre presentes no meu dia-a-dia.

A todos, deixo um abraço de gratidão e de reconhecimento pela semente que depositaram no meu crescimento enquanto Pessoa, Profissional e Cidadã.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
AGRADECIMENTOS	iv
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE QUADROS	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – Enquadramento Teórico.....	11
1.1 – O voluntariado como expressão de formação pessoal e social ..	11
1.2 – Contributo de práticas de voluntariado para uma cidadania ativa	16
1.3 – O voluntariado: oportunidade de desenvolvimento sustentável ...	19
1.4 – O voluntariado à luz de iniciativas políticas e educativas.....	22
1.4.1 – No contexto internacional	24
1.4.2 – No contexto nacional	29
CAPÍTULO 2 – Metodologia	35
2.1 – Opção metodológica	35
2.2 – Contextualização do estudo	37
2.3 – Participantes	40
2.4 – Instrumentos de recolha de dados	41
2.4.1 – A entrevista	42
2.4.2 – A análise documental	44
2.4.3 – A observação	45
2.5 – Tratamento de dados	46

CAPÍTULO 3 – Apresentação e análise de resultados	49
3.1 – Motivações e objetivos do Projeto de voluntariado em contexto escolar	54
3.2 – O desenvolvimento de competências a nível pessoal e social dos alunos	62
3.3 – A clarificação de valores e a prática da cidadania ativa	66
3.4 – Contributos para o desenvolvimento sustentado da comunidade	72
CAPÍTULO 4 – Considerações finais	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
APÊNDICES	93
Apêndice A – Guião da entrevista aos alunos	94
Apêndice B – Guião da entrevista aos professores	95
Apêndice C – Guião da entrevista ao mentor do Projeto	96
Apêndice D – Guião da entrevista à supervisora do Projeto	97
Apêndice E – Grelha de análise das entrevistas/documentos	98
Apêndice F – Disposição do espaço físico onde decorrem as sessões do Projeto	99
Apêndice G – Grelha de observação das sessões do Projeto	100

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Designação atribuída às fontes documentais	51
Quadro 2 - Designação atribuída aos testemunhos divulgados nas Publicações trimestrais do EEP.....	52
Quadro 3 - Designação atribuída aos entrevistados	53
Quadro 4 – Excertos da observação das sessões do Projeto	61

É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.

Eugénio de Andrade, *É urgente o amor*

INTRODUÇÃO

A educação é notoriamente um dos meios mais eficientes para promover e implementar uma mudança cultural e a construção de uma verdadeira educação para a cidadania, através da qual se pode erradicar ou mitigar egoísmos, despertar atitudes e comportamentos verdadeiramente altruístas e solidários.

Neste sentido, a Carta do Conselho da Europa sobre a Educação para a Cidadania Democrática e a Educação para os Direitos Humanos (2010) na introdução, salienta o papel a desempenhar pela educação no processo de formação integral dos indivíduos:

A educação desempenha um papel essencial na promoção dos valores fundamentais do Conselho da Europa – a democracia, os direitos humanos e o Estado de Direito – e na prevenção de violações dos direitos humanos. Genericamente, a educação é cada vez mais considerada um meio de combater o aumento da violência, do racismo, do extremismo, da xenofobia, da discriminação e da intolerância. (...) Espera-se que a sua aplicação venha a ser um incentivo para os estados-membros tomarem medidas neste âmbito, nomeadamente, na disseminação de boas práticas e na elevação dos padrões de qualidade da educação na Europa e para além dela (...).¹

Também o documento elaborado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2013) se refere à importância do voluntariado e da educação para a cidadania a partir de instituições de ensino:

Nesta relação entre voluntariado jovem e educação para a cidadania, a escola é uma instituição por excelência para a promoção da cidadania e, consequentemente, do voluntariado, concedendo aos seus alunos a possibilidade de intervirem na comunidade, de acordo com as necessidades. As universidades, por exemplo, pelo seu inerente capital humano e científico, detêm um enorme potencial enquanto agentes promotores de desenvolvimento das comunidades locais em que estão inseridas. O movimento voluntário universitário constitui um veículo privilegiado para a disseminação de conhecimentos, para a conversão destes em ações concretas e úteis na resolução de problemas e para a humanização dos serviços das organizações que integra (...) (p.201).

¹ As citações no texto sem referência a página, resultam da consulta de documentos online não paginados.

Ainda no âmbito do papel da escola promotora de cidadania, Santos (2011) coordenou, em Portugal, um grupo de trabalho que produziu um documento orientador, no qual defende o contexto escolar para a promoção da educação para a cidadania, explanando as linhas de uma proposta curricular a implementar nas escolas portuguesas:

(...) Aprende-se de várias maneiras. O ensino directo é apenas uma dessas maneiras e nem sempre a mais adequada. A aprendizagem da cidadania requer uma vivência de cidadania. Por isso uma das linhas de orientação do nosso trabalho é o reconhecimento da importância das vivências democráticas proporcionadas quer dentro da escola (relações de diálogo e respeito mútuo, oportunidades de participação, ausência de discriminações...), quer fora (visitas, intercâmbios, experiências de criação e de gestão de associações, de voluntariado, participação em organismos democráticos....) (...) (p.5).

(...) Na sequência do conceito de Educação para a Cidadania explicitado neste documento, uma escola promotora de Educação para a Cidadania é aquela que educa pelo exercício e pela vivência quotidiana de cidadania. Assim sendo, e dado que se trata de uma área transversal, ela terá de enformar as opções a inscrever nos projectos educativos das escolas, as quais por sua vez se terão de espelhar nas escolhas organizacionais que se fazem e obviamente que também nas práticas de governação e de relação (...) (p.27).

O mérito das potencialidades da educação é exaltado no Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI divulgado pela UNESCO (1996), ao sublinhar competências a trabalhar nas aprendizagens do novo milénio enquadradas no *aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer e aprender a viver juntos*. Estas dimensões articuladas entre si são importantes para o desenvolvimento de seres humanos, pensantes e reflexivos sobre a sua realidade pessoal e o meio envolvente, sobre o *Eu e o Outro*; a dimensão única e particular de cada um, que influencia e é influenciada pela do Outro.

Em Portugal, os diplomas legais sobre as finalidades educativas revelam preocupação com a educação integral dos adolescentes e jovens portugueses, atentos e interventivos no meio que os cerca. Assim, o n.º 5, do artigo 2.º do capítulo I da Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo português) enuncia:

(...) A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva (...).

E, posteriormente, o mesmo diploma legal é atualizado através da Lei n.º 115/97, de 19 de setembro, mais tarde pela Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto e, a última atualização, pela Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto. Nestes documentos são dados passos significativos para aperfeiçoar problemas estruturais do sistema educativo. Assim, a alínea b), do artigo 3.º da Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto reitera:

(...) Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico (...).

Assistimos a transformações da sociedade que nos expõem um significativo e crescente individualismo na relação entre os seres humanos. A este propósito Bauman (2001) refere:

(...) A modernidade é época em que a vida social passa a ter como centro a existência do individualismo, é fase marcada por uma expansiva autonomia do homem em relação à vida social (...) (p.39).

Esta temática é também analisada por Lipowetski citado por Costa (2012):

Hoje assistimos a uma paixão individualista que aparece cada vez mais encarnada na vida consumista que levamos, no frenesim da compra e do divertimento que caracteriza o mundo contemporâneo. (...) Vemos que a sociedade de consumo clássica favoreceu a individualização tanto dos gostos como dos comportamentos, mas a nova sociedade do hiperconsumo (potenciadora da *destradicionalização*) procura uma verdadeira “escalada” do individualismo, ou melhor, do hiperindividualismo. (...) Ora, também esta hiperindividualização suscita muitas críticas, por exemplo, a questão da solidariedade, da partilha e do respeito pelo meio ambiente (...). A lógica do individualismo diz que o

indivíduo hoje é tudo; ele constitui o fundamento das sociedades modernas, o código genético das sociedades contemporâneas (...).

Na sociedade atual, profundamente individualista em que emergem segregações diversas e graves injustiças sociais, ganha pertinência a temática do voluntariado, como forma de criar bolsas de acolhimento afetivo e material. No documento do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2013), na nota de abertura, reitera-se o papel construtivo do voluntariado na área social:

(...) Conforme tem sido reconhecido pelas organizações governamentais representativas dos países às mais diversas escalas – da ONU à União Europeia-, o voluntariado desempenha um papel essencial no reforço da coesão social e económica, gerando capital social, promovendo a cidadania ativa, a solidariedade e uma forma de cultura que põe as pessoas em primeiro lugar (...) (p.8).

É indispensável reforçar laços de solidariedade e promover uma cultura de paz e de respeito pelos direitos mais elementares do ser humano, de forma a desenvolver um futuro social sustentável, na perspectiva do Bem Comum.

Concretamente em Portugal, no ano de 2008, o Observatório do Emprego e Formação Profissional (OEFP) promoveu a realização de um estudo sobre o voluntariado em Portugal e teceu considerações sobre os conceitos de voluntariado e voluntário:

(...) Assim, o **voluntariado** é o conjunto de acções de interesse social e comunitárias realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas (Artigo 2.º, Lei n.º 71/98 de 3 de novembro). Por seu lado, o **voluntário** é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar acções de voluntariado no âmbito de uma organização promotora (...) (artigo 3º, Lei n.º 71/98 de 3 de novembro) (...).

O European Volunteer Centre (CEV) (2013) enaltece as potencialidades de práticas de voluntariado:

(...) Volunteers are engaged in a diverse range of activities, such as the provision of education and services, mutual aid or 'self-help', advocacy, campaigning, management, community and environmental action. Volunteering is one of the ways in which people of all abilities and backgrounds can contribute to positive change.(...) Volunteering is a means of social inclusion and integration. It contributes to a cohesive society creating bonds of trust and solidarity and, thus, social capital. It is a powerful source of reconciliation and reconstruction in divided societies. (...) Volunteering plays an important role in finding solutions to societal issues. Volunteers and their organisations are often at the forefront of developing innovative actions to detect, voice and respond to needs arising in society. Volunteers help to improve the quantity and quality of services and to creatively develop new services (...).

Nesta sequência, o exercício do voluntariado nas escolas reforça e projeta qualquer discurso pedagógico no sentido do *aprender fazendo*, procurando no processo contínuo de aprendizagem, construir o indivíduo como cidadão autónomo, solidário e responsável. O meio escolar assume a possibilidade de se tornar um espaço propício à sensibilização e reflexão sobre problemas que afetam a vida em sociedade.

Gómez (2010) sustenta um conceito de aprendizagem contextualizado, isto é, não meramente focalizado em conteúdos curriculares, mas abrindo espaço e integrando experiências vividas pelo indivíduo, pelo aluno, na sua interação com outros e com a realidade circundante:

(...) Parece por tanto evidente que, si de lo que se trata es de formar las competencias y cualidades humanas básicas que se consideran valiosas para el ciudadano del siglo XXI, la tarea del docente no consistirá solo ni principalmente en enseñar contenidos disciplinares descontextualizados, sino en definir y plantear situaciones en las cuales los alumnos puedan construir, modificar y reformular conocimientos, actitudes y habilidades, es decir, promover que los aprendices vivan en sí mismos la relación entre experiencia y saber (CONTRERAS, 2010). El contenido disciplinar no es un fin en sí mismo, es un medio, el mejor, para ayudar a afrontar las situaciones problemáticas que rodean la vida de los ciudadanos. Comprender y actuar en situaciones complejas requiere determinadas competencias o cualidades humanas. Las competencias se desarrollan mediante las *acciones* que lleva a cabo la persona en situación y los *recursos* sobre los que se apoya (...) (pp.44,45).

É importante levar o aluno a estar atento e a questionar a realidade social envolvente e propor soluções para os problemas diagnosticados.

Neste processo experienciam-se e consolidam-se valores, facilitadores de uma identidade mais estruturada enquanto indivíduo, mas também enquanto indivíduo social.

Nesta sequência, relevamos Savater (2006) que declara:

(...) A realidade dos nossos semelhantes implica que sejamos todos protagonistas de um mesmo conto: contam para nós, contam-nos coisas e com a sua audição torna significativo o conto que, também nós próprios, vamos contando... ninguém é sujeito na solidão e no isolamento; é sempre *entre* sujeitos que cada um de nós é sujeito: o sentido da vida humana não é um monólogo, mas tem origem no comércio do sentido, de uma polifonia coral. Antes de mais nada, a educação é a revelação dos outros, da condição humana, sob a forma de um concerto de complicitades irremediáveis (...) (p.41).

Os Projetos de voluntariado estruturam-se em iniciativas planeadas, alicerçadas num conjunto de atividades relacionadas e complementares, com recurso a elementos voluntários, para atingir determinados objetivos suscitados pelo diagnóstico prévio de necessidades das comunidades. Projetos deste cariz constituem-se como uma mais-valia para suprir necessidades de vária ordem nas comunidades. Os tempos de incerteza, precariedade social e de carência de recursos, desafiam a vontade de partilhar, de intervir, de ir ao encontro, ultrapassando dificuldades e criando oportunidades de mudança, e soluções para as várias situações-problema existentes. Procura-se agir para reagir.

As pessoas movimentam-se na sociedade civil e, em concreto, nas escolas - professores, alunos e outros elementos da comunidade escolar, voluntariamente para o Bem Comum, num comportamento expressivo de cidadania alicerçado em solidariedade, em criatividade, para vencer obstáculos no dia-a-dia, numa resiliência constante. Constroem uma cultura de escuta, de observação e de proximidade em relação aos problemas dos outros e do meio em que vivem. Deste modo surgem Projetos de voluntariado educativo que nascem na escola para suprir necessidades da própria comunidade escolar ou da comunidade

educativa, e que concorrem para a formação dos alunos e de todos os intervenientes. Soares (2009) exemplifica esta potencialidade:

(...) A proposta pedagógica do voluntariado educativo parte da premissa de que a solidariedade está ligada à educação. As atividades solidárias desenvolvidas pelos alunos podem ser uma nova forma de aprender, se planeadas adequadamente. Portanto elas podem contribuir para uma resignificação da prática pedagógica. Nesse caso, trata-se de sustentar simultaneamente a intenção pedagógica e a intenção solidária, oferecendo uma resposta participativa a uma necessidade social (...) (p.10).

Face às problemáticas sociais e considerando a energia dinamizadora do voluntariado, recordámos a afirmação de Publius Terentius Afer (Terêncio) (163 a.C.) *Sou Homem, nada do que é humano me é estranho* (ato1,versículo 77). Julgamos que as práticas de voluntariado vêm na linha de familiaridade com tudo o que é humano e, que por isso, não pode deixar de ser observado atentamente por outros seres humanos, que objetivam a superação das fragilidades detetadas e a projeção de caminhos alternativos, muitos deles, verdadeiramente inéditos.

Os professores são, na maior parte das vezes, os mentores de Projetos de voluntariado que conseguem sensibilizar e convocar a Direção das escolas, alunos e encarregados de educação, entidades, organismos, enfim, a comunidade educativa para a militância da cidadania ativa, em áreas tão díspares quanto a especificidade e as reais necessidades das comunidades com as quais se comprometem. Esta situação manifesta-se no aumento de Projetos de voluntariado a partir de escolas como documenta o estudo da PROACT (2012) para o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado:

(...) Uma outra razão (a quinta) do aumento da taxa de voluntariado, está relacionada com a maior sensibilização, constatável em Portugal, de muitas escolas e estabelecimentos de ensino superior a este tema. São indicadores significativos a adesão de várias delas à comemoração dos anos dedicados ao Voluntariado, já referidos, a inclusão deste tema em vários programas escolares, a criação de Clubes de Voluntariado e a promoção de programas de acção voluntária, em diferentes domínios,

quer junto das comunidades próximas, quer relativos a países do Terceiro Mundo (normalmente PALOP) (...) (p.50).

Os Projetos surgem em áreas como o meio ambiente, a saúde, a ação social, a assistência geriátrica, o apoio a atividades de lazer juvenis, a educação, a cultura, os direitos humanos, enfim, um caleidoscópio de disfunções humanas e sociais suscetíveis de atrair a vontade de exercer voluntariado. Deixar uma marca de transformação, operar mudanças, inscrever a história individual na coletiva e vice-versa, ultrapassar a sobrançeria de olhar os problemas dos outros de forma alienada, é o grande desígnio do voluntariado.

O impacte da implementação de Projetos de voluntariado resulta das transformações individuais tanto dos voluntários como dos participantes nos Projetos. Ninguém fica imutável. O ser humano tende a reproduzir modelos, ainda que recriados e, por isso, aqueles que privam com uma forma desinteressada e despojada de estar em sociedade, e que interagem com outros sem esperar nada em troca, contagiados por esta postura, darão continuidade a ações de voluntariado. Ainda que possam surgir resistências, obstáculos físicos, financeiros, desalentos, desistências, a semente não morre e, ainda que velada, frutifica.

A nível pessoal, surgiu a oportunidade e a possibilidade de integrar a equipa de voluntários do Hospital Garcia de Orta em Almada, durante dez anos, o que permitiu o contacto com práticas de voluntariado no setor da saúde. As motivações foram de vária ordem, salientando-se a curiosidade de interação com os doentes, estes, debilitados na sua saúde e, quase sempre, fragilizados emocionalmente; com pessoas de uma área profissional completamente diferente, e o desejo de ser útil a nível social. Foi uma experiência de aprendizagem memorável pelo que se observou, conversou e pelo que se sentiu. Aprendeu-se a relativizar situações, a dar um novo sentido a prioridades no dia-a-dia e a recentrar as vivências individuais.

A partir desta experiência e das temáticas abordadas nas várias disciplinas do primeiro ano do curso de mestrado, surgiu a vontade de

abordar a temática do voluntariado e aprofundar o conhecimento sobre esta realidade. A proclamação do ano 2011 como o Ano Internacional do Voluntariado foi, igualmente, uma forte motivação para a definição da área a trabalhar. Por razões profissionais a curiosidade focalizou-se na possibilidade de estudar a prática de voluntariado em contexto escolar.

O estudo ganhou forma com a problemática do Voluntariado como promotor da vivência de valores e, concretamente, formularam-se as seguintes questões de investigação:

- De que modo o voluntariado influencia o desenvolvimento de relações interpessoais sustentadas em valores e a formação de cidadãos solidários, comprometidos num futuro coletivo?
- Como as práticas de voluntariado realizadas em contextos escolares, podem promover oportunidades de desenvolvimento de competências sociais nos alunos nelas envolvidas?

De forma a dar resposta às questões de investigação atrás enunciadas, definimos os seguintes objetivos:

- Identificar as implicações do exercício do voluntariado em meio escolar no desenvolvimento de competências a nível pessoal e social dos alunos
- Promover o diálogo interpessoal para o desenvolvimento de cidadãos mais reflexivos, participativos e empáticos com pessoas e grupos de diferentes contextos sociais e culturais
- Fundamentar a reflexão sobre valores através de vivências pessoais no âmbito de práticas de voluntariado em meio escolar
- Compreender a prática de voluntariado como um contributo para o desenvolvimento sustentado das comunidades
- Analisar como práticas de voluntariado em meio escolar potencializam a cidadania ativa.

Este estudo ambiciona dar resposta à problemática atrás enunciada, através de um estudo de caso sobre um Projeto de voluntariado promovido por um estabelecimento de ensino privado de Lisboa num bairro habitacional da periferia de Lisboa. O Projeto foi concebido para apoio escolar a adolescentes com dificuldades de aprendizagem e níveis significativos de insucesso. Surgiu também a ambição de prevenir o abandono escolar e, simultaneamente, intervir na sua formação pessoal e social. O Projeto estrutura-se a partir do trabalho de colaboradores em regime voluntário, ex-alunos de 12ºano, alunos universitários, professores e encarregados de educação da escola privada, que trabalham regularmente com alunos de escolas públicas da área do referido bairro.

O estudo que delineámos projeta-se em vários capítulos que procuram evidenciar a importância do voluntariado, da cidadania ativa e a vivência de valores.

Assim, a partir desta nota introdutória e, no primeiro capítulo, Enquadramento Teórico será apresentada a fundamentação teórica resultante da pesquisa bibliográfica, através de literatura publicada com o objetivo de encontrar uma forma clara de esclarecer conceitos e temas, que consideramos pertinentes para a temática em estudo; pretende-se, pois, que o desenvolvimento da pesquisa realizada escore a explicação do problema de pesquisa num quadro de referência teórica. No segundo capítulo, Metodologia descreve-se detalhadamente a opção metodológica realizada, as etapas e os procedimentos empreendidos para chegar aos objetivos inicialmente definidos, os instrumentos de recolha e tratamento de dados. No terceiro capítulo, Apresentação e análise de resultados são apresentados e analisados os resultados da recolha de dados e, no quarto e, último capítulo, Considerações finais procede-se a uma síntese interpretativa dos resultados obtidos, no sentido de responder/esclarecer as questões e os objetivos que presidiram à temática do estudo.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 - O voluntariado como expressão de formação pessoal e social

No prefácio do Relatório sobre o Estado do Voluntariado Mundial (2011) apresentado pelo Programa de Voluntários das Nações Unidas (VNU), Helen Clark, administradora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) menciona valores associados a práticas de voluntariado:

(...) O voluntariado ocorre em qualquer sociedade do mundo. Os termos que o definem e as formas por que se expressa podem variar em diferentes línguas e culturas, mas os valores que o conduzem são comuns e universais: o desejo de contribuir para o bem comum, por vontade própria e em um espírito de solidariedade, sem a expectativa de recompensa material. Voluntários são motivados por valores como justiça, igualdade e liberdade, assim como está expresso na Carta das Nações Unidas. Uma sociedade que apoia e encoraja diferentes formas de voluntariado tende a ser uma sociedade que também promove o bem-estar de seus cidadãos. Uma sociedade que falha em reconhecer e facilitar as contribuições de voluntários priva-se de possíveis contribuições para o bem-estar público (...) (p.4).

Assim, o voluntariado pode, numa perspetiva civil, ser definido como um conjunto de ações de entidades públicas ou privadas, realizadas sem fins lucrativos e com interesse social e comunitário. São pessoas que, de forma desinteressada, dedicam parte do seu tempo, a melhorar a qualidade de vida e bem-estar dos outros.

Há um envolvimento livre e gratuito de pessoas em Projetos de solidariedade e apoio aos mais necessitados, através de campanhas promotoras dos direitos humanos, proteção do ambiente ou mesmo ações que propõem dignificar o Outro.

Stanley citada por Williamson (2005) substancia esta perspetiva:

(...) the concept of “voluntary activity” and that of “youth action” to advance a working definition to guide and govern the overarching debate. She suggests these are umbrella terms to describe “all kinds of voluntary engagement characterised by being open to all, unpaid, undertaken of a person’s own free will, educational (in the sense of providing non-formal learning) and of social value”. This follows the definitions adopted by both the Council of Europe and the European Commission (...) (p.10).

As práticas de voluntariado têm permitido discussões sobre valores como ética e cidadania, além de estimular a solidariedade e a cultura de paz. Na escola, enriquecem o processo de ensino e de aprendizagem complementado com o desenvolvimento pessoal, social e moral dos alunos. Assim, a escola abre espaços de participação efetiva *da e na* comunidade.

Em Projetos de voluntariado educativo, cada escola pode olhar ao seu redor, diagnosticar problemas, definir metas, estabelecer um plano de ação, agir e celebrar os resultados obtidos.

Segundo Reis (2000) as escolas são convocadas a ocupar um lugar de destaque na formação plena dos indivíduos, agentes responsáveis de cidadania:

(...) A importância que o problema da formação dos cidadãos tem vindo a assumir, inscreve-se no alargamento do campo de intervenção da escola e na redefinição do seu papel social. Com efeito, nos sistemas educativos das sociedades democráticas, os modelos de abordagem da educação para a cidadania revelam um claro avanço no processo de explicitação das intenções em domínios como a educação para os valores, o desenvolvimento do raciocínio moral e das atitudes democráticas. O desenvolvimento destes domínios está implícito na formação para o exercício de uma cidadania responsável (...) (pp.115,116).

Nesta sequência, também Soares (2009) refere “O envolvimento de alunos em projetos de voluntariado educativo é especialmente enriquecedor para o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para sua formação integral, como perseverança, comprometimento, integridade, solidariedade, iniciativa, autonomia, confiança e capacidade de resolução de problemas” (p.13).

O voluntariado a partir da escola é um instrumento valioso na vivência, problematização e consolidação de valores dos adolescentes e jovens. Vive-se atualmente um tempo de relativização de valores, concomitantemente a transformações rápidas e vertiginosas, que se traduz na dificuldade dos mais jovens se reverem em padrões referenciais para as suas condutas quotidianas. Neste âmbito, Magalhães (2009) salienta:

(...) Vivemos uma contemporaneidade de avassaladoras mudanças, num mundo fortemente marcado pela informação e pelo consumo, povoado pela crescente mobilidade dos povos, pela multiculturalidade, pelas desigualdades e pelo despertar de novos sentimentos de incerteza, insegurança, individualismo e intolerância. Viver esta nova conjuntura tem levado a que muitos investigadores, pedagogos e educadores se dediquem, com denodo, ao binómio valores/cidadania, duas realidades indissociáveis e emergentes das sociedades democráticas da actualidade (...) (p.15).

Segundo Marques (2003) a definição de *valor* pode ser encontrada na raiz etimológica latina *valore* que significa aquilo que vale alguma coisa e tem merecimento. Valente (2002) também no plano concetual explicita:

(...) Reservámos a designação de valor para aquelas crenças, atitudes, actividades ou sentimentos que satisfazem os critérios de (1) terem sido escolhidos livremente, (2) terem sido escolhidos de entre alternativas, (3) terem sido escolhidos depois de necessária reflexão, (4) terem sido apreciados, (5) terem sido afirmados aos outros, (6) terem sido incorporados em comportamentos actuais e (7) terem sido repetidos nas nossas vidas (p.87).

Assim, os valores assumem uma importância na estruturação do ser humano e constituem-se numa aprendizagem contínua ao longo da vida, quer através da família ou da influência da escola ou, ainda, das interações sociais, num processo de assimilação/reflexão ao longo do tempo, conduzindo à formação do carácter individual.

Valente (2002) clarifica a importância dos valores na formação dos indivíduos:

(...) O único ponto de acordo é que um valor representa algo importante na existência humana. (...) Diz John Gardner (1964): 'Em vez de darmos

aos jovens a impressão de que a sua tarefa consiste em parar lugubrememente o relógio perante os valores antigos, devíamos dizer-lhes a verdade amarga mas estimulante de que a sua tarefa consiste em recriar continuamente aqueles valores no seu próprio tempo'. Oferecer aos alunos um processo de valorização é oferecer-lhes alguma coisa que os servirá bem e por muito tempo (...) (p.14,15).

Na escola, os professores assumem-se como agentes importantes no processo de valorização e clarificação de valores que, citando Valente (2002), dá ênfase à capacidade humana de ter comportamentos inteligentes autodirigidos.

No processo de clarificação de valores, os adultos em geral, e particularmente os professores, no âmbito da disciplina curricular na qual abordam questões de cidadania, procuram promover debates temáticos, reflexões sobre problemas emergentes de situações reais da vida, por exemplo, o exercício da solidariedade e do voluntariado.

Reis (2000) reconhece, porém, que a questão dos *valores* é uma temática em contínua análise e discussão, tendo em conta a conjuntura dos tempos e das problemáticas das sociedades:

A ausência de um completo acordo, a variação consoante as culturas e as novas situações com que as sociedades actuais se confrontam, justificam o contínuo debate em torno dos valores nas sociedades democráticas. Esse debate e a descoberta activa dos valores não pode deixar de constituir uma metodologia essencial da componente ético-moral da educação para a cidadania.

A dificuldade em inventariar os valores nas sociedades livres do nosso tempo não invalida a possibilidade de apontar aqueles que surgem como fundamentais numa formação para a cidadania (...) (p.119).

A clarificação e a apropriação de valores segundo o mesmo autor, regista-se na “ (...) circunstância de que a aquisição de valores, mais do que ensino directo, exige vivências, sendo fundamental propiciar experiências directas ou transpostas que permitam um desenvolvimento da responsabilidade social e moral (...) ” (p.123).

Nesta linha, Estanqueiro (2010) afirma a importância da formação do carácter através de vivências que ajudem a encontrar valores:

(...) Para a formação do carácter, os alunos precisam de viver, desde crianças, experiências moralmente enriquecedoras, que os ajudem a interiorizar os valores básicos, em especial o valor da solidariedade. Na escola, compete ao professor envolver os alunos na prática da solidariedade, começando por valorizar pequenos gestos de partilha na turma: o empréstimo de apontamentos ou o apoio a um colega com dificuldades. Os alunos mais velhos podem ser desafiados a participar em actividades de voluntariado social. Porque o voluntariado é uma escola de vida (pp.108,109).

Rodrigues (2010) no estudo realizado sobre as forças do carácter apresenta algumas considerações sobre a relação com o exercício do voluntariado por indivíduos jovens e dos benefícios dessa prática, nomeadamente, ao nível do seu crescimento moral e cívico:

(...) Á parte do benefício óbvio que o voluntariado traz para a sociedade (Omoto e Snyder, 1990), os educadores têm considerado a potencialidade do trabalho voluntário na promoção da responsabilidade cívica e no crescimento moral nos estudantes. (...) permanece a ideia de que o voluntariado possa ser encarado como uma ferramenta de prevenção primária e meio de empowerment para os adolescentes. Newmann e Rutter (1983) propuseram que o serviço comunitário promove a capacidade dos adolescentes se desenvolverem em adultos independentes, competentes e capazes de um julgamento, pensamento hipotético e abstracto, assim como também de resolução de problemas. Em adição, o voluntariado pode ajudar a promover a auto-estima e confiança, influenciar a responsabilidade social e pessoal e aumentar as capacidades dos adolescentes para a liderança e o desenvolvimento de uma melhor relação uns com os outros (Harison, 1987; Kirby, 1989). (...) Coloca-se a hipótese também de que a *Cidadania* ou *Trabalho em equipa* possam estar mais directamente associadas ao voluntariado, já que segundo Peterson e Seligamn (2004) esta força é especialmente promovida através da participação em actividades extra-curriculares, em organizações de voluntariado, numa atmosfera de aprendizagem informal, estrutura igualitária e onde exista liderança da juventude (...) (pp.14,15,17).

Também Lavezzo (2010) atesta o exercício do voluntariado, sobretudo aquele que nasce na escola, como um fator expressivo de formação pessoal e social:

(...) Podemos compreender o voluntariado educativo como uma estratégia de aula que permite integrar saberes escolares, competências e habilidades às práticas sociais. Trata-se de uma metodologia educativa que une teoria e prática; ao incentivar a participação crítica e responsável

do educando. (...) No voluntariado educativo, as experiências socioeducativas podem integrar-se aos conteúdos curriculares para desenvolver novas aprendizagens nos jovens, uma vez que eles se tornam protagonistas da ação. (...) Solidariedade, cidadania e respeito às diferenças são valores essenciais para a formação pessoal e social de um cidadão inserido em uma determinada cultura e em um determinado tempo histórico. Tais valores são vivenciados na prática cotidiana do voluntário. Portanto, daí nasce à proposição de se pensar o voluntariado como uma experiência formativa (pp.37,38).

A promoção e dinamização de uma cultura de voluntariado na escola proporcionam espaços de reflexão e questionamento, de autoformação e de valorização do Outro. Neste sentido, Mollmann (2009) reforça o poder da educação ancorada nas vivências:

(...) A educação *deve* despertar a razão. Volto com isso a Eric Weil (1974), para quem a razão é uma faculdade através da qual a violência pode ser elaborada. E a educação, a meu ver, se sofrer a rotinização do dia-a-dia, em que cada um, educador e educando assumem os papéis, modos e regras pré-estabelecidos, sem darem sentido às vivências, não desperta a razão, mas a ignora, ou talvez conte com ela como algo automático e auto-criativo. Mas a razão não se desperta a si mesma, é despertada na convivência com o outro e no dar sentido às vivências. E isso a todo instante. Então, educar para a paz requer o despertar da razão para poder ressignificar vivências e proporcionar novas vivências (p.3776).

O voluntariado é, assim, uma mais-valia para o enriquecimento de relações dialogantes, cooperativas e interventivas, na mitigação de conflitos e indisciplina abrindo, também perspectivas a uma cultura de paz essencial, hoje, nas escolas e futuramente na sociedade.

1.2 - Contributo de práticas de voluntariado para uma cidadania ativa

A prática de voluntariado estrutura uma cultura de cidadania presidida por valores associados ao Bem e à Justiça Social, promotores de relações comunicativas interpessoais e, portanto, da sustentabilidade das relações sociais e humanas.

Os laços sociais ganham consistência porque existem indivíduos em sociedade, organizados e constituídos em grupos, que desenvolvem um sentido de responsabilidade cívica e de pertença. Assim, tornam-se participantes ativos nos problemas da comunidade, expressão de cidadania.

Lavezzo (2010) explana o significado do exercício de cidadania na interação social:

(...) É vital que, na sociedade contemporânea, a cidadania se fortaleça enquanto prática nas interações humanas, educacionais e comunicacionais. Na Era do Conhecimento é importante que se resgatem valores que não têm preço, como a solidariedade, a confiança, a ternura, a compaixão e o respeito às diferenças (...) (p.28).

Na sua génese o conceito de cidadania remonta à Grécia Antiga assumindo um cariz essencialmente político, relacionado com o exercício do poder e o governo da cidade, a Polis, pelos cidadãos.

Numa linha de evolução histórica, Dias (2010) refere que o conceito de *cidade* se estende a agrupamentos humanos em dimensões referentes, por exemplo, ao lar, à terra onde nascemos, à pertença a um Estado, a uma região, a toda a humanidade. O mesmo autor introduz, na sua análise, perspetivas mais amplas no conceito de cidadania:

(...) No que se refere à sociedade, os fenómenos da progressiva globalização do espaço, da aceleração da mudança no tempo, da complexificação dos tipos de existência, da sucessão das galáxias Gutenberg, McLuhan e Gates, do desenvolvimento das TICs, da internet e dos telemóveis, estão a contribuir para a rápida emergência de um 'mundo plano' (Friedman) em que hoje se potenciam ao máximo e em tempo real as relações inter-grupais e inter-subjectivas das *pessoas* (...) (p.34).

Azevedo (2010) produz reflexões sobre o conceito de cidadania fundado na rede de relações interpessoais suportada por direitos e deveres recíprocos:

(...) Importa, em primeiro lugar, recordar que falar de cidadania aponta, num primeiro nível, para a lógica da sociedade, isto é, a perspetiva jurídica que toma como referência o Estado e na qual as relações entre

os indivíduos são funcionais e se traduzem em direitos e deveres recíprocos. (...) Cidadania poderia, (...) definir-se como o conjunto de práticas individuais e cooperativas destinadas a concretizar a liberdade e autonomia de todos e cada um dos membros de uma sociedade e a criar entre eles relações justas e promotoras da vida das comunidades (...) (pp.51,52).

Viveiros (2012) apresenta considerações sobre cidadania ativa e igualmente sobre as suas potencialidades na coesão social:

(...) A cidadania ativa é um elemento chave para a consolidação da democracia e para a participação cívica dos cidadãos na construção de uma sociedade mais igualitária e solidária. A cidadania ativa é um desígnio que os cidadãos devem assumir como compromisso social com a comunidade através da sua liberdade, criatividade e livre pensamento, com uma atitude de consciencialização que deve alimentar o ser Pessoa, e ser canal transmissor da força que o coletivo tem na transformação da realidade social (...) (p.5).

Neste seguimento, tivemos em conta Rio (2012) quando se refere ao papel significativo da Educação, na preparação de futuros cidadãos envolvidos numa cidadania ativa:

(...) A Educação é sobejamente reconhecida como um pilar de Cidadania. Daí a sua importância para desenvolver os conhecimentos, atitudes e competências essenciais para se ser cidadão. É, essencialmente, através da Educação que formamos consciências, construímos personalidades e preparamos cidadãos capazes de intervir de uma forma ativa, mas tranquila; descontraída e natural, mas responsável (...) (p.121).

Viveiros (2012) mostra a articulação entre práticas de voluntariado e o exercício de cidadania ativa:

(...) O voluntariado no século XXI é fruto de uma nova consciência social e de maturidade humana. É uma outra forma de exercício da cidadania ativa, é a dimensão do dever cívico que, paradoxalmente, é exercido de forma autónoma, consciente e voluntária. (...) (p.6).

O voluntariado espelha, por parte dos que o exercem, preocupações com setores particulares da sociedade ou, mesmo da sua globalidade. Procuram, não como meros espetadores, mas como agentes

interventivos desenvolver o seu potencial humano e a sua realização, enquanto indivíduos solidários e comprometidos com a integração e desenvolvimento de outros cidadãos, corresponsáveis num ideário de justiça comum.

1.3 - O voluntariado: oportunidade de desenvolvimento sustentável

O voluntariado consubstancia uma oportunidade de desenvolvimento sustentável na tentativa de suprir as necessidades de gerações vindouras; contribuir para a erradicação ou o esbatimento da desigualdade social procurando combater a marginalidade e a exclusão de seres humanos.

Segundo Nobre (2010) “ (...) Hoje em dia é indiscutível que o voluntariado é um dos critérios básicos que definem não só a evolução humana individual, como o próprio desenvolvimento de uma Nação. Voluntariado e Desenvolvimento é, pois, hoje, um binómio incontornável (...) ” (pp.18,19).

Face aos problemas sentidos na sociedade urge cada vez mais a intervenção cívica e ativa de cidadãos munidos de conhecimentos, isto é, capacitados para operar transformações nas comunidades.

Magalhães (2009) corrobora “ (...) Desta forma, compreende-se que a proximidade, a participação e o envolvimento de cidadãos activos são cruciais para dar resposta aos problemas da globalização e para garantir a coesão social e a sobrevivência do Estado democrático (...) ” (p.47). Acrescenta a necessidade de pôr em prática uma pedagogia da cidadania para fazer face aos múltiplos problemas dos nossos dias e esclarece:

(...) A aposta na educação para a cidadania está relacionada com a questão das desigualdades, os problemas de pobreza, a abstenção e alienação dos jovens relativamente às comunidades, os riscos ambientais, a globalização da economia, o impacto das novas tecnologias, que marcam um mundo de incertezas, onde abundam o

terrorismo, a xenofobia, as guerras civis, os conflitos sociais, a violação dos direitos humanos e a criminalidade urbana. Estas são questões complexas que exigem uma cidadania activa e uma resposta da educação (...) (p.48).

A conquista de *empowerment* (capacitação) por parte dos adolescentes e jovens das escolas, futuros cidadãos, permite as competências e a autonomia necessárias, para empreender a tomada de decisões sobre problemas diagnosticados ou experienciados.

São estes jovens, orientados por professores, *os educadores* e as famílias que poderão encetar um processo dinâmico e continuado de *empowerment* daqueles que vivem à margem da sociedade. Dignificar aqueles seres humanos, operando resgates interétnicos, intergeracionais, de solidões, de analfabetismo, de exclusões diversificadas, é a grande meta a atingir.

Silva (2008) no texto de enquadramento dos Ensaios Cais salienta a importância de habilitar cada indivíduo para a sua futura integração social e exercício de cidadania:

(...) Se todos, pois, são indispensáveis na construção do nosso momento presente, ninguém, em tempo algum, tem o direito de dispensar quem quer que seja do direito e responsabilidade de ser com os outros, na arquitectura do nosso aqui e agora. Capacitar para participar e ser-se indispensável surge, assim, como sendo a única maneira de prevenirmos, a todos os níveis, todo o foco de pobreza e exclusão, e o único caminho capaz de devolver a cada um, o exercício de uma cidadania plena e realizada (...) (p.8).

A expressão Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) surgiu na sequência da Conferência de Joanesburgo (2002) e da proclamação da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS) definida para o período entre 2005 e 2014, a ser promovida e coordenada pela UNESCO. Naquele documento refere-se os valores subjacentes ao Programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável:

(...) O programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável trata fundamentalmente de valores tendo como tema central o respeito:

respeito ao próximo, incluindo às gerações presentes e futuras, à diferença e à diversidade, ao meio ambiente e aos recursos existentes no planeta que habitamos. A educação nos torna aptos a nos entendermos, a entendermos o próximo e os vínculos que nos unem ao entorno natural e social. Este entendimento serve de base duradoura para alicerçar o respeito. Junto com o senso de justiça, responsabilidade, exploração e diálogo, o programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável objetiva nos levar a adotar atitudes e práticas que permitirão a todos viver uma vida plena, sem carecer do indispensável (...) (pp.18,19).

No seguimento das preocupações atrás mencionadas, o voluntariado emerge como uma força impulsionadora de desenvolvimento, amplamente descrito e assumido pela ONU:

The United Nations Volunteers (UNV) programme contributes to peace and development through volunteerism. UNV is inspired by the conviction that volunteerism can transform the pace and nature of development and by the idea that everyone can contribute their time and energy towards peace and development. With partners, UNV advocates for volunteerism, integrates volunteerism into development planning and mobilizes volunteers. (...) We help countries to improve public inclusion and participation in social, economic and political development, and we support the growth of volunteerism within communities as a form of mutual self-help.(...) UNV directly mobilizes more than 7,700 UN Volunteers every year nationally and internationally, with 80 per cent coming from developing countries, and more than 30 per cent volunteering within their own countries.(...) UN Volunteers help to organize and run local and national elections and support a large number of peacekeeping and humanitarian projects(...).

De sublinhar também, durante a realização da Global Volunteer Conference (2011), o discurso da coordenadora executiva dos Voluntários das Nações Unidas, Flavia Pansieri no qual enfatiza a importância do voluntariado para o desenvolvimento:

(...) She focused on youth, a significant resource for volunteering. "Youth are not the problem, they are part of the solution," she said. In her speech, Flavia Pansieri addressed how youth represent a huge population with tons of energy and countless hopes and dreams. Youth are ready to take a stand and to seize every opportunity provided to claim decent jobs, access to education, see their rights, dignity, and freedoms fulfilled, and demand an end to corruption and abuse. (...) It offers young people above the age of 18 - from developing and developed countries - the chance to engage in development activities, to work in international teams, use their expertise to support a cause, develop existing skills, and assume new roles and responsibilities. With 80 per cent of online

volunteers aged between 18 and 35, the service directly increases the participation of youth in development activities. (...) through volunteerism, young people are empowered to actively engage in changing the world around them. (...).

As práticas de voluntariado podem constituir-se como uma oportunidade de desenvolvimento das comunidades pela proximidade que cria com pequenos núcleos de intervenção, onde se esbata a exclusão social ou outro tipo de problemas. Promove a sustentação do bem-estar social de segmentos mais desfavorecidos ou vulneráveis da população.

1.4 – O voluntariado à luz de iniciativas políticas e educativas

O voluntariado por inerência das suas potencialidades associadas ao exercício da cidadania ativa, neutraliza/soluciona problemas, nomeadamente sociais, e tem vindo, progressivamente, a inspirar decisões no âmbito educativo. A escola enquanto espaço de aprendizagem, reflexão crítica e criatividade por parte de indivíduos muito jovens, promove e consolida práticas de cidadania suscitando, por exemplo, Projetos de cariz voluntário.

O Preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) consagra a Educação como um meio importante para a apropriação do espírito da igualdade de direitos entre todos os seres humanos, sem qualquer tipo de exclusão:

(...) Agora, portanto, a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, por medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros e entre os povos dos territórios sob sua jurisdição (...).

O artigo 26.º do mesmo documento reforça o papel da Educação na formação plena dos indivíduos:

(...) (2) A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz (...).

A Carta do Conselho da Europa sobre a Educação para a Cidadania Democrática e a Educação para os Direitos Humanos (2010), no capítulo I, ponto 2 refere o papel importante a desempenhar pelos estabelecimentos de ensino na consolidação da Educação no âmbito da cidadania:

(...) c) “A educação formal” refere-se ao sistema estruturado de educação e formação que se inicia na educação pré-escolar e no ensino básico e se prolonga nos ensinos secundário e superior. É desenvolvida, em princípio, em instituições de ensino geral ou profissional e conduz a uma certificação.

d) “A educação não-formal” refere-se a qualquer programa educativo planificado que vise o desenvolvimento de um conjunto de aptidões e competências, que se realize fora do âmbito da educação formal.

e) “A educação informal” refere-se ao processo de aprendizagem através do qual cada indivíduo adquire, ao longo da sua vida, atitudes, valores, competências e conhecimentos em resultado de influências, recursos educativos do seu ambiente e experiências quotidianas (família, pares, vizinhos, encontros, bibliotecas, meios de comunicação, trabalho, lazer, etc.) (...).

A renovação da ética da solidariedade e da justiça social apresenta-se com acuidade na consciencialização do respeito pela dignidade humana. Ventura e Franco (2011) aludem à importância da criação de uma consciência coletiva na solidariedade responsável e deferente para com os outros:

(...) Neste âmbito de reflexão, a meta, o objectivo principal a ser desenvolvido numa consciência colectiva, terá de ser a de criar redes de relações *com* e não *contra* alguém, redes de solidariedade articulada em que cada um no seu pequeno espaço, não podendo mudar o mundo inteiro para conseguir a sua tal *auto-realização*, pode perceber que pode mudar o mundo de alguém, começando por mudar o paradigma apertado

do seu próprio mundo. (...) do que se trata , hoje, é precisamente disso, da possibilidade e capacidade de gerar vida, de ir mais além, de criar pontes de solidariedade e não de caridadezinha que não faz mais do que perpetuar as estruturas de pobreza que amesquinham a dignidade humana (...) (pp.26,27).

Soares (2009) focaliza a importância do envolvimento dos alunos em experiências de voluntariado como oportunidade de modelar atitudes e comportamentos cívicos perduráveis:

(...) Falamos de voluntariado educativo quando, em um projeto ou ação planejada, se dá a intersecção da intenção pedagógica com a intenção solidária e social. A promoção da escola como centro de cidadania na comunidade traz benefícios tanto sociais como educativos. As experiências pessoais e sociais vividas na idade escolar são fundamentais para a definição – ou a indefinição – de um projeto de vida, de opções políticas e ideológicas, de rumos profissionais e acadêmicos. Pessoas que desenvolvem ações voluntárias tendem a manter, ao longo da vida, níveis de compromisso social e participação política superiores às que não tiveram essas experiências (...) (p.9).

De seguida apresentam-se várias iniciativas no âmbito do voluntariado quer a nível internacional quer a nível nacional. Organismos internacionais têm prestado atenção a esta temática que surge com grande acuidade nas agendas políticas. Em Portugal, o voluntariado tem vindo progressivamente a ganhar força nas resoluções políticas direcionadas à sociedade civil, mas também nas decisões respeitantes à Educação.

1.4.1 - No contexto internacional

Já foi anteriormente aludida a perspetiva da ONU sobre a pertinência do voluntariado nas sociedades a nível mundial. Todavia, retomam-se algumas linhas-força daquele organismo político sobre aquela temática, pelo peso e influência internacional:

The United Nations Volunteers (UNV) programme is inspired by the conviction that volunteerism is a powerful means of engaging people in

tackling development challenges worldwide. Everyone can contribute their time, skills and knowledge through volunteer action, and their combined efforts can be a significant force for achieving peace and development. (...) Volunteerism for development enhances the capacity of people to exercise choices to set and achieve their own development objectives, which can result in real improvements that benefit others as well as themselves. If development is to be effective and sustainable, the people affected by it must take ownership of, and give relevance to, its processes and drive them forward through civic engagement. (...) Every day, individuals are engaged in development initiatives through volunteer actions both large and small in an effort to improve conditions for others and themselves. Volunteerism by many millions of people is critical to achieving the Millennium Development Goals (MDGs). (...) Volunteerism strengthens—and is strengthened by—trust, solidarity and reciprocity among citizens, and it can transform the pace and nature of development. Volunteerism is purposeful, creating opportunities for citizens to participate in development. Through volunteerism, more people participate in development, and at all levels of society, which empowers them and gives them a personal stake in their country's future (...).

São inúmeras as resoluções deliberadas pela ONU contemplando práticas de voluntariado justificando com mérito a sua existência. Desde o estabelecimento do Dia Internacional do Voluntário a 5 de dezembro a convocatórias de voluntários para inúmeras iniciativas.

A mensagem do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon (2009) enaltece o trabalho dos voluntários:

(...) No Dia Internacional dos Voluntários 2009, gostaria de salientar o papel importante que os voluntários desempenham, em todo o mundo, na protecção do nosso planeta e na promoção das causas importantes para as quais as Nações Unidas trabalham.

As recentes campanhas “Selemos o Acordo” e “Voluntários a favor do nosso Planeta” são apenas os últimos exemplos de como os voluntários contribuem para dar forma ao nosso mundo. (...)

O voluntariado é uma fonte de energia e de resiliência a nível das comunidades bem como de solidariedade e de coesão social e pode propiciar mudanças sociais positivas, ao incentivar o respeito pela diversidade, a igualdade e a participação de todos. O voluntariado encontra-se entre os recursos mais importantes da sociedade.

Hoje, quero agradecer a todos os voluntários do mundo inteiro que dedicam o seu tempo à protecção do ambiente, à paz e ao desenvolvimento. Em particular, expresso o meu reconhecimento aos 8000 Voluntários das Nações Unidas que apoiam o trabalho da Organização (...).

A Declaração da Global Volunteer Conference (2011) produzida por altura da celebração do 10º aniversário do Dia Internacional do Voluntário, legitima de forma decisiva o contributo do voluntariado para um mundo melhor:

(...) Volunteering is universal, inclusive, and embraces free will, solidarity, dignity and trust. We value, recognize and encourage the contribution of volunteering to the well-being of people, their communities and our planet. We celebrate volunteering as an essential expression of common humanity.

Volunteers bring sustainable development, poverty reduction, debt relief, HIV/AIDS awareness, and environmental campaigns to communities. They play an important role in disasters and crises, help build livelihoods, strengthen social cohesion, and contribute to human development.

The world has changed since the establishment of the Millennium Development Goals (MDGs) in 2000. Much has been achieved through the efforts of volunteers. In the run-up to Rio+20 the post MDG sustainable development agenda must put volunteering at the centre.

For the full potential of volunteering to be realized, volunteers must be recognized, protected and supported by government, civil society, academia, the private sector, and inter-governmental entities (...).

Em 2000, durante a Cimeira do Milénio, os países-membros da ONU analisaram os maiores problemas mundiais e acordaram um pacto, que ficou conhecido como a Declaração do Milénio, na qual se definiram oito Objetivos do Desenvolvimento do Milénio (ODM) a atingir pelas várias nações até 2015. Fixaram-se metas quantitativas para medição e acompanhamento dos resultados a nível mundial e nacional. Num espírito de entreatajuda, com recurso a Projetos de voluntariado e ações concretas, pretende-se transformar/erradicar problemas e situações de risco da Humanidade, ambicionando sociedades mais justas e solidárias, tal como a seguir se apresenta:

(...) The Millennium Development Goals (MDGs) are the world's time-bound and quantified targets for addressing extreme poverty in its many dimensions-income poverty, hunger, disease, lack of adequate shelter, and exclusion-while promoting gender equality, education, and environmental sustainability. They are also basic human rights-the rights of each person on the planet to health, education, shelter, and security. Goal 1: Eradicate Extreme Hunger and Poverty; Goal 2: Achieve Universal Primary Education; Goal 3: Promote Gender Equality and Empower Women; Goal 4: Reduce Child Mortality; Goal 5: Improve Maternal Health; Goal 6: Combat HIV/AIDS, Malaria and other diseases;

Goal 7: Ensure Environmental Sustainability; Goal 8: Develop a Global Partnership for Development (...).

Em 2013, Ban Ki-moon faz o balanço dos ODM sublinhando aspetos positivos daquela iniciativa, mas reitera a necessidade de relançar o Projeto para além de 2015:

(...) Efforts to achieve a world of prosperity, equity, freedom, dignity and peace will continue beyond 2015. The United Nations is working concertedly with governments, civil society and other partners to build on the momentum generated by the MDGs and to craft an ambitious, yet realistic, post-2015 development agenda. A successful conclusion to the MDGs will be an important building block for a successor development agenda. And volumes of experience and lessons learned along the way can only benefit the prospects for continued progress (...).

Em sede da União Europeia, embora respeitando a autonomia de cada país membro no desenvolvimento da política educacional e cultural a nível nacional, são definidos objetivos comuns bem como apoios comunitários, e divulgadas as boas experiências no âmbito da Educação relacionada com a prática da cidadania.

Neste enquadramento, salientamos Salema (2005) na abordagem das linhas orientadoras da Educação para a Cidadania Democrática propostas pelo Conselho Europeu:

(...) Education for Democratic Citizenship (EDC), as it is proposed and suggested by the Council of Europe's EDC project, has a clear rationale and is based on an open, broad-based and multidimensional concept of citizenship which can be identified, described and developed based on processes of participation, solidarity and social cohesion. EDC concerns fundamental values. "There are basic ethical and moral foundations – our moral sensitivities - which build respect, trust, value, confidence, tolerance and self-esteem" and "the need to have these fundamentals in place and to treasure and value them (...)" (p.41).

Foi criado o Programa Youth in Action- 2007-2013 direcionado a jovens por forma a fomentar a prática da cidadania ativa, através de ações concretas de solidariedade com recurso a um serviço voluntário europeu cuja finalidade é:

(...)The aim of the European Voluntary Service is to support young people's participation in various forms of voluntary activities, both within and outside the European Union. Under this Action, young people take part individually or in groups in non-profit, unpaid activities (...).

O Conselho Europeu decidiu proclamar 2011 como o Ano Europeu das Actividades de Voluntariado que Promovam uma Cidadania Activa projetando a visibilidade das práticas de voluntariado na construção de uma sociedade europeia mais justa e solidária tal como ficou consignado na Decisão n.º 2010/17/CE de 27 de novembro de 2009:

(...) Sensibilizar as pessoas para o valor e a importância do voluntariado a fim de sensibilizar as pessoas para a importância do voluntariado enquanto expressão de participação cívica e enquanto actividade que contribui para a realização de objectivos comuns a todos os Estados Membros, como o desenvolvimento harmonioso da sociedade e a coesão social (...) (artigo 2.º,4).

O Parlamento Europeu aprovou o Regulamento do EU AID VOLUNTEERS (Corpo de Voluntários da União Europeia) (2014) no qual se promove o valor da solidariedade europeia expressa através de práticas de voluntariado:

(...) 1) Solidarity is a fundamental value of the Union and there is potential for further developing means of expressing solidarity of Union citizens with people in third countries vulnerable to or affected by man-made crises or natural disasters. Moreover, the Union as a whole is the world's largest humanitarian aid donor, providing almost 50% of global humanitarian aid.

2) Volunteering is a concrete and visible expression of solidarity allowing individuals to dedicate their knowledge, skills and time to the service of fellow human beings, without pecuniary motivation (...).

A nível europeu salienta-se a ação do Centro Europeu de Voluntariado (CEV), com sede em Bruxelas, constituído numa Associação Europeia de Organizações de Voluntariado que impulsiona o exercício de voluntariado nomeadamente, através de conferências, seminários e workshops. Integra organizações nacionais e regionais com o objetivo comum de promover o desenvolvimento do voluntariado. Os problemas detetados são analisados em articulação com as várias instituições da União Europeia.

1.4.2 - No contexto nacional

A Constituição da República Portuguesa, no artigo 73.º determina o direito de todos à Educação e à cultura e sustenta a garantia do Estado na formação dos cidadãos, através da escola que deve, nomeadamente, contribuir:

“(...) para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva (...)”.

A Lei n.º 71/98 de 3 de novembro enuncia as bases do enquadramento jurídico do voluntariado e exara os princípios que o norteiam:

(...) O Estado reconhece o valor social do voluntariado como expressão do exercício livre de uma cidadania activa e solidária e promove e garante a sua autonomia e pluralismo. (...)

1- O voluntariado obedece aos princípios da solidariedade, da participação, da cooperação, da complementaridade, da gratuidade, da responsabilidade e da convergência (...) (CAP.II, artigo 5.º,6.º).

Em Portugal, o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado (CNPV), criado pelo Decreto-Lei n.º 389/99, de 30 de setembro, caracteriza-se como uma entidade cuja finalidade é dinamizar ações direcionadas à promoção e qualificação do voluntariado. No artigo 21.º do referido diploma explicitam-se as suas competências, por exemplo:

(...) a) Desenvolvendo as ações adequadas ao conhecimento e caracterização do universo dos voluntários; (...) g) Promovendo e divulgando o voluntariado como forma de participação social e de solidariedade dos cidadãos; (...) h) sensibilizando a sociedade em geral para a importância do voluntariado como forma de exercício do direito de cidadania, promovendo a realização de debates, conferências e iniciativas afins; (...) k) acompanhando a aplicação da regulamentação legal que incide sobre o voluntariado e propor as medidas que se revelem adequadas ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento (...).

O CNPV faz parte integrante do CEV desde 2007, tendo os seus representantes assento nas assembleias gerais anuais, e participação em atividades dinamizadas por aquele organismo europeu.

No seguimento das medidas promotoras do voluntariado salienta-se a Plataforma Portuguesa das Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento cuja caracterização é a seguinte:

(...) constituída em 1985, é uma associação privada sem fins lucrativos que representa a maioria das ONGD (Leigos para o Desenvolvimento, Cáritas portuguesa, Fundação Evangelização e Culturas, Instituto de Apoio à Criança, Médicos do Mundo Portugal, União das Misericórdias Portuguesas, Leigos da Boa Nova, Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária, entre muitas outras) portuguesas registadas no Ministério dos Negócios Estrangeiros. A Plataforma reúne as ONGD que trabalham para um mundo mais justo e equitativo, potenciando o trabalho das suas associadas a nível político e legislativo e promovendo as boas práticas, junto dos Países em Desenvolvimento, em áreas como a Cooperação para o Desenvolvimento, a Ajuda Humanitária e de Emergência e Educação para o Desenvolvimento (...).

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/2013 de 8 de maio, no Preâmbulo, reconhece a importância do voluntariado pela instância da definição de um plano nacional a vigorar até 2015:

(...) A promoção de uma cultura de coesão social, capaz de contribuir para uma maior qualidade de vida de todos os cidadãos, que reforce os valores da cidadania, exige a implementação de políticas públicas transversais aos vários Ministérios e a participação da sociedade, pelo que importa definir um Plano Nacional do Voluntariado 2013 - 2015 (PNV) que envolva os vários Ministérios, as regiões autónomas, as autarquias locais e os contributos das organizações da sociedade civil, dando continuidade às ações desenvolvidas durante o ano de 2011 no âmbito do Ano Europeu do Voluntariado e em 2012 no quadro do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações e o ano Internacional das Cooperativas (...).

A preocupação com a temática da cidadania e do voluntariado, no domínio da Educação, surge em vários diplomas legais e iniciativas educativas.

Salema (2007) sumaria linhas orientadoras das medidas nacionais tendentes à educação para a cidadania:

(...) Curriculum reforms in Portugal enacted in 1989 revolved around developing student freedoms, autonomy, and ethical self-determination, as well as personal and social development, a sense of European and international solidarity, and the critical skills necessary to both understand and participate in democratic processes and responsible, constructive change (p.110) The main aim of activities carried out in Portugal during the European Year of Citizenship through Education was to support and provide sustainability to initiatives and partnerships involving schools, municipalities, and NGO's in the area of education and teacher training (...) (p.114).

O diploma mais recente, o Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho promove a revisão curricular introduzindo mudanças nas matrizes curriculares do ensino básico e secundário. Na introdução, o documento faz recomendações relativas à educação para a cidadania:

(...) Por outro lado, no presente diploma pretende-se que a educação para a cidadania enquanto área transversal seja passível de ser abordada em todas as áreas curriculares, não sendo imposta como uma disciplina isolada obrigatória, mas possibilitando às escolas a decisão da sua oferta nos termos da sua materialização disciplinar autónoma (...).

Igualmente, o mesmo documento, presta atenção à formação pessoal e social dos alunos, quando observa:

(...) As escolas, no âmbito da sua autonomia, devem desenvolver projetos e atividades que contribuam para a formação pessoal e social dos alunos, designadamente educação cívica, educação para a saúde, educação financeira, educação para os *media*, educação rodoviária, educação para o consumo, educação para o empreendedorismo e educação moral e religiosa, de frequência facultativa (artigo 15.º). (...) Em complemento das atividades curriculares dos ensino básico e secundário, devem os agrupamentos de escolas e as escolas não agrupadas organizar e realizar, valorizando a participação dos alunos, ações de formação cultural e de educação artística, de educação física e de desporto escolar, de educação para a cidadania, de inserção e de participação na vida comunitária, visando especialmente a utilização criativa e formativa dos tempos livres, orientadas, em geral, para a formação integral e para a realização pessoal dos alunos (...) (Secção IV, artigo 20.º, 6).

A Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro – Estatuto do Aluno e Ética Escolar consigna os direitos e os deveres do aluno do ensino básico e secundário, bem como o envolvimento e compromisso dos educadores,

pais ou encarregados de educação, professores e assistentes operacionais na educação e formação dos adolescentes e jovens. Relativamente aos direitos do aluno defende-se a importância da cultura de cidadania:

(...) No desenvolvimento dos princípios do Estado de direito democrático, dos valores nacionais e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da dignidade da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional, o aluno tem o direito e o dever de conhecer e respeitar ativamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, A Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, enquanto matrizes de valores e princípios de afirmação da humanidade (...) (Capítulo II, secção I, artigo 6.º).

A mesma lei, no artigo 7.º, alínea e) reconhece a importância e incentiva à prática do voluntariado pelos alunos, porque pretende “Ver reconhecido o empenhamento em ações meritórias, designadamente o voluntariado em favor da comunidade em que está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela, e ser estimulado nesse sentido (...)”.

Em 2012, a Direção Geral de Educação (DGE) divulgou um documento respeitante a linhas orientadoras para a prossecução da Educação para a Cidadania, tendo em conta as características da população escolar e as necessidades específicas da escola e do meio envolvente. Os alunos e professores face aos problemas da comunidade escolar/educativa ou outras causas, debatem soluções e estratégias de intervenção:

(...) A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social. (...) A escola constitui um importante contexto para a aprendizagem e o exercício da cidadania e nela se refletem preocupações transversais à sociedade, que envolvem diferentes dimensões da educação para a cidadania, (...). (...) A promoção do Voluntariado, que visa o envolvimento de crianças e dos jovens em atividades desta natureza, permitindo, de uma forma ativa e tão cedo

quanto possível, a compreensão que a defesa de valores fundamentais como o da solidariedade, da entreajuda e do trabalho, contribui para aumentar a qualidade de vida e para impulsionar o desenvolvimento harmonioso da sociedade. A criação de uma cultura educacional baseada na defesa destes mesmos valores reforça a importância do voluntariado como meio de promoção da coesão social (...).

A DGE aponta algumas áreas temáticas a justificar Projetos de intervenção no âmbito da cidadania, das quais se salienta a Educação para o Voluntariado. Constam os seguintes fundamentos:

O Voluntariado é hoje um movimento que mobiliza em todo o mundo um grande número de jovens e de adultos, sendo um instrumento de participação da sociedade civil nos mais diversos domínios de atividade. Esta prática não se restringe ao campo social, mas alarga-se à cultura, à educação, à justiça, ao ambiente, ao desporto e a outras dimensões do nosso quotidiano e tem vindo a responder às questões que continuamente emergem do tecido social, económico ou político. Sempre que uma instituição educativa promove atividades de voluntariado, mediadas e animadas pela escola e/ou por outras organizações públicas e privadas, oferece aos seus alunos a oportunidade de participar ativamente na construção de uma sociedade mais coesa e mais solidária (...).

O grande desafio é incentivar a implementação de Projetos de voluntariado no meio escolar e, por isso, empreender algumas iniciativas de valorização das práticas de voluntariado nas escolas:

(...) Com vista a incentivar o voluntariado em contexto escolar, o Ministério da Educação e Ciência pretende:
 Certificar os alunos que tenham desenvolvido ações de voluntariado enquadradas pela escola;
 Distinguir, com a atribuição da qualificação “Escola Voluntária”, escolas que através do seu projeto educativo valorizem esta dimensão;
 Identificar as práticas de voluntariado que as escolas com os seus alunos levam a efeito (...).

A Portaria n.º 333/2012 de 22 de outubro, no seu Preâmbulo, lança o Programa de Escola Voluntária e do Selo de Escola Voluntária como reconhecimento das iniciativas das escolas junto dos jovens no âmbito do voluntariado:

(...) Para os jovens, as ações de iniciação ao voluntariado constituem um espaço privilegiado de cidadania ativa e criam oportunidades de

aprendizagem, de participação cívica e permitem os primeiros contactos com experiências que fortalecem o sentimento de pertença à comunidade, contribuindo positivamente na formação do eu (...).

Medeiros (2010) salienta a importância do contexto educativo para a educação plena dos alunos:

(...) A Educação escolar e não escolar deve produzir frutos e 'frutos que permaneçam', em contextos de mudança e incerteza. Talvez essa seja uma sabedoria que urge procurar na contemporaneidade. (...) Temos de compreender os processos educativos na ordem do conhecer, do ser pessoa e no horizonte da problemática dos valores. É tempo de recuperar, de modo ativo, o sentido da formação humanista concreta e de uma formação plena (...) (p.115).

Marques (2008) sublinha a importância das experiências de voluntariado enquanto situações de ensino-aprendizagem:

(...) O envolvimento em serviços de voluntariado e em actividades produtivas é uma maneira prática e eficaz de envolver as crianças e os jovens em experiências directas do tipo aprender fazendo (...) (p.18).

Educação, Cidadania e Voluntariado são conceitos inseparáveis que se articulam na formação dos alunos numa sociedade global e desafiante. É na escola, subjacente aos projetos educativos, que se podem criar situações de aprendizagem de cariz cívico, conducentes à apropriação de competências pessoais e sociais para a vida.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Uma investigação parte sempre da opção inicial pela temática que é proposto estudar e, é também, através da metodologia considerada mais adequada e depois empreendida, que se corporiza todo um processo de recolha e análise de dados, que viabiliza o esclarecimento e um mais amplo conhecimento sobre as questões e objetivos inicialmente colocados.

2.1 - Opção metodológica

Nesta fase da investigação relembramos as questões de investigação: De que modo o voluntariado influencia o desenvolvimento de relações interpessoais sustentadas em valores e a formação de cidadãos solidários, comprometidos num futuro coletivo? Como as práticas de voluntariado realizadas em contextos escolares, podem promover oportunidades de desenvolvimento de competências sociais nos alunos nelas envolvidas? e os objetivos definidos: identificar as implicações do exercício do voluntariado em meio escolar no desenvolvimento de competências a nível pessoal e social dos alunos; promover o diálogo interpessoal para o desenvolvimento de cidadãos mais reflexivos, participativos e empáticos com pessoas e grupos de diferentes contextos sociais e culturais; fundamentar a reflexão sobre valores através de vivências pessoais no âmbito de práticas de voluntariado em meio escolar; compreender a prática de voluntariado como um contributo para o desenvolvimento sustentado das comunidades e, por último, analisar como práticas de voluntariado em meio escolar potencializam a cidadania ativa.

Na prossecução do trabalho teve-se em conta as características da investigação qualitativa traçadas por Bogdan e Biklen (1994) que a seguir, resumidamente, se enunciam:

- a fonte direta de dados é o ambiente natural, sendo o investigador o principal instrumento
- o carácter descritivo
- os investigadores interessam-se mais pelo processo do que pelo produto
- a análise de dados é feita de forma indutiva
- é dada uma vital importância ao modo como as diferentes pessoas envolvidas interpretam os significados.

Foi igualmente ponderado o que Bell (2004) refere sobre o estudo de caso:

(...) O estudo de caso tem sido definido como um “termo global para uma família de métodos de investigação que têm em comum concentrarem-se deliberadamente no estudo de um determinado caso” (Adelman et al., 1977). Trata-se de muito mais que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância. Tal como em qualquer outra investigação, os dados são recolhidos sistematicamente, a relação entre as variáveis é estudada e o estudo é planeado metodicamente (...) (p.23).

Na linha de enquadramento de um estudo de caso, observámos Kasinath (2013, citando Patton):

(...)The nature of the research question itself can lead a researcher to choose qualitative methods. Patton (1990) identifies the following types of research questions for which qualitative methods would be appropriate.

1. The focus of the research on the process, implementation, or development of a programme or its participants.
2. The program emphasizes individualized outcomes.
3. Detailed, in-depth information is needed about certain clients or programs.
4. The focus is on diversity among, idiosyncrasies of, and unique qualities exhibited by individuals.
5. The intent is to understand the programme theory – that is, the staff members' (and participants') beliefs as to the nature of the problem they are addressing and how their actions will lead to desired outcomes(...)

(pp.47,48).

Tivemos igualmente em consideração a definição de estudo de caso referida por Ponte (1994):

(...) Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global do fenómeno de interesse (...) (p.2).

Foi toda esta moldura teórica que sustentou a opção por uma investigação qualitativa, de natureza interpretativa e dimensionada numa metodologia de estudo de caso. Igualmente, optámos pela possibilidade de realizar um estudo sobre a prática de voluntariado em contexto educativo natural, desenvolvida especificamente num estabelecimento de ensino, onde diversas organizações sociais procuram responder a desafios de abandono escolar.

2.2 - Contextualização do estudo

Numa fase inicial e exploratória de pesquisa sobre práticas de voluntariado em meio escolar, acedemos ao sítio da internet de um estabelecimento de ensino privado localizado em Lisboa, no qual se divulgava um Projeto que, à partida, pela caracterização geral, apresentava indícios potenciais para um estudo de caso, no âmbito do voluntariado. Manifestámos à Direção da escola o propósito de encetarmos um estudo de investigação sobre a temática do voluntariado e, nesse sentido, também a nossa curiosidade sobre o Projeto. A receptividade da escola, através da coordenadora pedagógica, levou ao agendamento de uma entrevista na sede da escola, conjunta, da investigadora com a coordenadora pedagógica e a coordenadora de Projetos. Neste encontro explicámos a finalidade do trabalho que nos

propúnhamos realizar. Foi feita uma caracterização mais detalhada do Projeto e, verificou-se que era possível enquadrá-lo na temática a investigar. Considerou-se o âmbito e a estrutura do Projeto um núcleo informativo interessante, que cativou entusiasmo imediato, passando a constituir o estudo de caso desta investigação. A coordenadora pedagógica anuiu na disponibilização de todo o apoio documental e da logística necessária ao processo de investigação. Numa fase posterior, foi possível um encontro com o mentor do Projeto que contextualizou e descreveu a génese e a implementação do Projeto.

A investigação centrou, portanto, a sua atenção no estudo de um Projeto apresentado e desenvolvido pelo referido estabelecimento de ensino privado (designado neste estudo por EEP). Trata-se de uma escola com cerca de 1500 alunos integrando desde crianças da educação pré-escolar até alunos do ensino secundário. A ação do Projeto aposta no recurso a elementos da comunidade escolar do EEP que trabalham em regime voluntário, com adolescentes de uma zona periférica da cidade de Lisboa, a frequentar escolas públicas. O bairro manifesta graves carências a nível social e económico e caracteriza-se por uma mistura de etnias e culturas diversificadas; são, na sua maioria, de origem africana, de etnia cigana e, mais recentemente, também de origem chinesa. A multiculturalidade é, portanto, uma característica inerente a este meio comunitário que, sendo uma riqueza nas suas manifestações culturais, é suscetível à existência de tensões e conflitos. Naquela zona sobrevêm lacunas a nível de estruturas de apoio a crianças e adolescentes, nomeadamente, a inexistência de ATL, e foi este um dos motivos que levou a paróquia a divulgar um pedido de ajuda para conseguir soluções para aquela situação-problema.

Na dinâmica de reflexão sobre diversas temáticas, promovida regularmente pelo EEP no seio da comunidade escolar, surgem ideias que se materializam em Projetos. Neste contexto de práticas reflexivas sobre a realidade envolvente e os apelos chegados ao EEP, neste caso concreto, das necessidades sentidas naquele bairro, um professor do

EEP, mentor do Projeto, estruturou um Projeto ancorado na prática de voluntariado. O objetivo principal era suprir as carências de apoio escolar fora do horário escolar, a adolescentes do 5º ao 9º ano de escolaridade, a frequentar escolas públicas da zona atrás referida. Assim, nasceu um Projeto (designado neste estudo por CEA) que proporciona apoio escolar e, simultaneamente, ocupação dos tempos livres, garantindo aos adolescentes, a rentabilização do seu tempo livre, não só em termos pedagógicos como educativos.

A dinâmica do Projeto não é, aliás, alheia à filosofia do Projeto Educativo (PE) do EEP em vigor até 2016/2017, que desenvolve tradicionalmente Projetos de ação social, voluntariado e solidariedade. No referido documento enunciam-se entre outros princípios, os seguintes:

(...) Formação integral da Pessoa Humana.

- Valorizamos o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões, na busca permanente da verdade e do sentido da existência (...) que favoreça a maturação progressiva e harmoniosa da sua identidade num projeto de vida a partir dos valores humanos (...) Educação para a Justiça
- Privilegiamos o compromisso ativo com os mais desprotegidos e com as vítimas da nossa sociedade, como exigência decorrente do respeito pela dignidade da Pessoa Humana, promovendo mais VIDA PARA TODOS (...) (p.5).

O ideário educativo do EEP presente no PE reforça-se no projeto curricular de escola através de um itinerário de organização e gestão curricular de acordo com o Decreto-Lei n.º139/2012 de 5 de julho, onde se inscreve também a marca singular da sua especificidade pedagógica. Este documento faz referência ao CEA, implementado por um organismo do EEP, que assume na sua página eletrónica “ (...) como uma resposta às necessidades do mundo atual. Dirigido especialmente para a colaboração com outras instituições e o acompanhamento de auxílio de pessoas desenraizadas socialmente (imigrantes, marginalizados), e as crianças carenciadas (...) ”.

O processo de investigação centrou-se na compreensão dos fatores que deram origem ao Projeto, à sua estruturação e à forma como

é vivenciada a sua implementação. Igualmente, foi equacionado discernir o impacto nos vários intervenientes e ecos na comunidade envolvente. Nesta sequência a afirmação de Godoy (1995) consubstanciou a dinâmica deste estudo:

(...) a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que se vão definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contacto direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenómenos segundo a perspetiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (...) (p.58).

Este trabalho, em suma, caracteriza-se por ser um estudo de caso de carácter qualitativo cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente num determinado contexto. Assume-se como um tipo de pesquisa que tem um forte cunho descritivo, de natureza interpretativa, natural, de uma situação que se dá a conhecer não se pretendendo qualquer tipo de intervenção.

2.3 - Participantes

Relativamente aos participantes houve a preocupação em conseguir aceder a elementos que estivessem a trabalhar no terreno, no CEA, para que se dispusesse de fontes de informação genuínas.

A escolha dos participantes, exceto do mentor e da supervisora do Projeto, foi aleatória tendo coincidido com o dia agendado para a realização da observação das sessões do CEA. Professores e alunos foram contactados naturalmente no local e a disponibilidade para colaborar foi espontânea e imediata.

Foram recolhidos, no total, depoimentos de oito elementos; seis diretamente ligados ao trabalho no CEA e, indiretamente, dois. Os primeiros são constituídos por três adultos, colaboradores voluntários, que designamos por professores e, outros três, por alunos adolescentes. Os

restantes dois elementos são o mentor do Projeto e a supervisora ligada à logística de funcionamento do Projeto.

Relativamente aos alunos, dois são do género feminino e, um, do género masculino, estando as suas idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos; as duas alunas frequentam o 3º ciclo do ensino básico (7º ano de escolaridade) e, o aluno (ex-aluno do CEA), o ensino secundário (10º ano de escolaridade). Estes adolescentes frequentam escolas públicas e fora do seu horário escolar são apoiados no CEA.

No respeitante aos professores, dois são do género masculino e, um, do género feminino, estando as suas idades entre os 23 e os 50 anos. A sua formação académica é de nível superior (licenciatura, mestrado e doutoramento) e, as suas áreas disciplinares de formação são o Inglês e a Informática. No CEA acompanham os alunos nas áreas atrás mencionadas e na disciplina de matemática. A professora, enquanto estudante, esteve diretamente ligada ao EEP, e os outros dois professores (um ainda estudante do ensino superior e o seu encarregado de educação) aderiram ao Projeto ao saber da sua existência.

As alunas entrevistadas são designadas neste estudo por E1 e E2 enquanto o aluno por E3; a designação dos professores é de E6 e E7 e a professora de E8. O mentor do Projeto é referenciado como E4 e a supervisora como E5. Os guiões das entrevistas, reportados aos sujeitos anteriores, constam nos Apêndices A,B,C e D.

A observação naturalista incidiu sobre duas sessões do CEA, nas quais participaram em cada uma, duas professoras (docentes do EEP) e cinco alunos, integrados no CEA.

2.4 - Instrumentos de recolha de dados

A opção metodológica por um estudo qualitativo, incidindo num estudo de caso conduziu à definição de um conjunto de técnicas e

instrumentos de recolha de dados. Tivemos em conta a opinião de Ponte (2002) quando refere:

(...) Por outro lado, as técnicas mais usuais de recolha de dados de natureza qualitativa são a observação, a entrevista e a análise de documentos (...). Na análise destes dados usa-se uma variedade de técnicas, incluindo a análise de conteúdo e a análise de discurso (...) (p.14).

Considerámos que a entrevista, a análise documental e a observação naturalista constituiriam um acervo técnico e instrumental diversificado na pesquisa e compilação de dados para análise posterior.

Kohlbacher (2005) adianta o conceito de triangulação como forma de reforçar a validade e credibilidade dos resultados apresentados:

(...) In the case of using qualitative content analysis in case study research, triangulation takes actually place on two different levels. On the first and more obvious level, data is triangulated by integrating different material and evidence (...) often also collected by using various methods, as well as by integrating quantitative and qualitative steps of analysis (...). On second level, triangulation takes place by applying a method of analysis (qualitative content analysis) that has not been particularly developed for this purpose to a different research design (case study research) (...) (p.15).

Este estudo irá, portanto, considerar materiais de diferentes origens para que se possa aceder a um conhecimento diversificado sobre a realidade analisada e, do ponto de vista metodológico, realizar a triangulação das fontes de dados para reforçar a pertinência das conclusões.

2.4.1 – A entrevista

Na opinião de Ketele e Roegiers (1999) a entrevista “ (...) consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre os factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é

analisado na perspectiva dos objetivos da recolha de informações (...) ” (p.22).

As entrevistas foram realizadas a partir de um guião-base que assumiu adaptações de acordo com as características e as funções desempenhadas pelos vários intervenientes, conduzindo, assim, a entrevistas multilaterais com vista a garantir uma maior fiabilidade dos dados obtidos.

Os guiões das entrevistas contemplam objetivos específicos para cada grupo de entrevistados de acordo com as funções desempenhadas na aplicação do Projeto (Apêndices A,B,C e D). De um modo geral, o tipo de questões são similares em todos os guiões, para que o tipo de dados a recolher pudesse responder às questões que desencadearam a investigação, e oferecessem a possibilidade de comparar e dar consistência aos dados na análise posterior. Optou-se por entrevistas semiestruturadas dando-se, no entanto, liberdade ao entrevistado de exprimir as suas opiniões, respeitando-se a resposta ampla ou lacónica sobre as questões. Cohen, Manion e Morrison (2007) reportam-se às potencialidades da entrevista e à interação com os entrevistados:

(...) The interview is a flexible tool for data collection, enabling multi-sensory channels to be used: verbal, non-verbal, spoken and heard. The order of the interview may be controlled while still giving space for spontaneity, and the interviewer can press not only for complete answers but also for responses about complex and deep issues. In short, the interview is a powerful implement for researchers (...) (p.349).

Os guiões das entrevistas foram enviados ao EEP para dar conhecimento do tipo de questões a colocar durante as entrevistas. No dia agendado para as entrevistas, houve o cuidado prévio de explicar a finalidade das entrevistas, a importância da colaboração prestada, assegurar a confidencialidade das suas declarações e criar, assim, um ambiente cordial e encorajador ao diálogo.

Das entrevistas efetuadas, não foi possível articular disponibilidade de horário entre os três professores e a investigadora. Não obstante, os entrevistados mostraram muito interesse em participar; por isso,

propuseram enviar as respostas via correio electrónico em formato PDF, prontificando-se para qualquer informação adicional. Excetuando esta situação as restantes entrevistas foram presenciais, com duração de cerca de 30 minutos. As entrevistas não foram áudio-gravadas mas as respostas foram registadas e validadas à medida que decorriam as entrevistas e, no final, ratificadas pelos entrevistados.

Cada entrevista foi posteriormente analisada de acordo com as categorias e subcategorias que emergiram do discurso dos participantes com recurso a uma grelha de análise (Apêndice E).

2.4.2 – A análise documental

A análise de documentos consubstancia o acesso a um tipo de informação, no qual o investigador não interferiu diretamente na produção, mas que lhe permite tirar ilações sobre o contexto e o significado do conteúdo em estudo.

Sá-Silva et al. (2009) afirma que a análise documental aplica a metodologia de análise de conteúdo e explica o conceito, citando Chizzotti:

(...) Ressalta-se que a análise de conteúdo é uma dentre as diferentes formas de interpretar o conteúdo de um texto, adotando normas sistemáticas de extrair significados temáticos ou os significantes lexicais, por meio dos elementos mais simples do texto. Consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor. Pressupõe, assim, que um texto contém sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas. A mensagem pode ser apreendida, decompondo-se o conteúdo do documento em fragmentos mais simples, que revelem sutilezas contidas em um texto. Os fragmentos podem ser palavras, termos ou frases significativas de uma mensagem (...) (p.11).

A análise documental tem como objetivo principal seleccionar, tratar e interpretar informação presente em vários suportes informativos (escritos, áudio, vídeo, informatizados, outros) extrair significados e

conferir-lhe sentido na investigação em curso, nomeadamente, procurando respostas para as questões de investigação.

A pesquisa documental irrompeu desde logo pelo acesso ao sítio da internet do EEP. Foi analisado um documento estruturante – o Projeto Educativo que permitiu caracterizar e compreender a filosofia educativa da escola, e contextualizar o Projeto que deu forma ao presente estudo. Alguns números da Publicação trimestral do EEP foram também analisados, com especial atenção, os artigos respeitantes ao CEA.

2.4.3 - A observação

A observação de cariz naturalista pareceu-nos uma técnica útil e complementar no âmbito da decisão das escolhas relativamente à recolha de dados.

Estrela (1994, citando Fraisse), considera a observação naturalista como uma observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana. Para Estrela “ (...) A finalidade da observação é o estabelecimento de ‘biografias’, construídas a partir do que se vê (...) ” (p.46). Apresenta ainda aspetos que definem a observação naturalista:

- (...) 1.^a Não é uma observação selectiva - o observador procede a uma *acumulação* de dados, pouco selectiva, mas passível de uma análise rigorosa;
- 2.^a Preocupa-se fundamentalmente, com a “*precisão da situação*”, isto é, com a apreensão de um comportamento ou de uma atitude inseridos na situação em que se produziram, a fim de se reduzirem ao mínimo as dúvidas referentes à sua interpretação;
- 3.^a Pretende estabelecer biografias compostas por um *grande número de unidades de comportamento*, que fundem umas nas outras;
- 4.^a A *continuidade* é um dos princípios de base que possibilita uma observação correcta: a seleção dos acontecimentos é algo de arbitrário, que se verifica apenas no laboratório, pois o processo vital é caracterizado pela ininterrupção (...) (p.46).

A observação foi desenvolvida no espaço físico onde se desenvolve o CEA, e teve como propósito observar o espaço físico onde

decorrem as sessões de apoio escolar (Apêndice F), e a interação entre os vários elementos, a partir das atitudes/comportamentos manifestos pelos diferentes intervenientes. A observadora assumiu um papel de não participante, não intervindo nas atividades que observou, nem interagindo diretamente com os vários elementos. Deste modo pretendeu-se evitar qualquer tipo de constrangimento e criar um ambiente de distanciamento e, simultaneamente, conseguir mais concentração na atividade de observação. Este tipo de observação inspirou-se em Estrela:

(...) O trabalho do observador desenvolve-se, pois, em dois planos: o da descrição objectiva da situação e do comportamento; o da inferenciação das possíveis articulações entre estes dois elementos (tomando a situação como ponto de partida). A observação orienta-se para a explicação do *como*, mas interpretando-o através de esquemas subjectivos (...) (p.48).

A observação foi realizada no local e numa das salas onde se desenvolve o CEA e incidiu em duas sessões de trabalho, cada uma com a duração de 50 minutos separadas por um intervalo de 10 minutos. Prestou-se atenção ao espaço físico onde decorrem as sessões de estudo e em especial à interação observada entre os vários elementos, professoras e alunos. Foi delineado um protocolo da observação e elaborada uma grelha de registo das incidências da observação com carácter descritivo, que foram sistematicamente anotadas (Apêndice G).

2.5 - Tratamento de dados

O processo de recolha de dados, como já foi anteriormente referido, incidiu na entrevista, na análise documental e na observação naturalista. A etapa seguinte consistiu no tratamento dos resultados obtidos, um conjunto de tarefas moroso que consistiu na identificação e seleção dos dados a utilizar.

Teixeira (2003, citando Minayo) esclarece como se processam os vários momentos do ciclo de pesquisa:

(...) O ciclo de pesquisa, segundo Minayo (1994), compõe-se de três momentos: fase exploratória da pesquisa, trabalho de campo e tratamento do material. O referido processo inicia-se com a fase exploratória da pesquisa, em que são interrogados aspectos referentes ao objeto, aos pressupostos, às teorias pertinentes, à metodologia apropriada e às questões operacionais necessárias para desencadear o trabalho de campo. Em seguida é estabelecido o trabalho de campo, que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. É nesta etapa que são combinadas várias técnicas de coleta de dados, como entrevistas, observações, pesquisa documental e bibliográfica, dentre outras. Por fim, faz-se necessário elaborar o tratamento do material recolhido no campo, que pode ser subdividido em: ordenação, classificação e análise propriamente dita. (...) (pp.190,191).

Ao longo do processo de identificação, organização e tratamento de resultados prescindimos de uma entrevista e de um artigo de um periódico nacional, por se considerar que os dados veiculados já estavam amplamente documentados noutras fontes, e levaria a redundância de informação.

Nesta investigação foi utilizada a análise de conteúdo dos resultados recolhidos, de forma a inferir indicadores que conduzissem a notas conclusivas, esclarecedoras das questões de investigação inicialmente formuladas, na linha de entendimento de Bardin (2009) sobre análise de conteúdo:

(...) Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (...) (p.44).

Após a recolha de dados procedeu-se à sua leitura e verificou-se que emergiram frases/expressões, palavras repetidas ou com um sentido semelhante, que possibilitou a construção de categorias e subcategorias de significado. Este trabalho permitiu, paulatinamente, uma interpretação inferida dos discursos analisados.

Meirinhos e Osório (2010, citando Skate) aludem à importância da triangulação de dados:

(...) um processo que utiliza múltiplas perspectivas para clarificar significados, na medida em que observações adicionais podem ser úteis na revisão da interpretação do investigador. É, também, conforme o mesmo autor, uma das características de um bom estudo qualitativo (...) (p.60).

Os mesmos autores, citando Yin, mencionam a utilidade da triangulação para conferir maior fiabilidade à informação “ (...) uma pista importante é formular a mesma questão na análise de dados de diferentes fontes; se todas as fontes indicarem as mesmas respostas, os dados foram triangulados com sucesso (...) ” (p.60).

O trabalho de análise e tratamento de dados procurou um cruzamento dos dados obtidos, tendo como finalidade atingir respostas para os objetivos definidos neste estudo.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

O voluntariado em contexto escolar permite, a partir da escola, a intervenção em diversas situações-problema do meio local onde está inserida. Desde logo, porque uma comunidade escolar é um organismo vivo, que sente as tensões do meio envolvente e diagnostica as dificuldades da população, em boa parte, as famílias dos seus alunos.

Os Projetos de voluntariado surgem de necessidades e das possibilidades de agregar vontades que se substanciam em atos de gratuidade para ultrapassar obstáculos, sendo o maior, talvez, o da indiferença.

O voluntariado educativo tem associado um plano de ação, que para além de consolidar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, estende-se a causas sociais de índole diversa. Neste sentido, o desígnio pedagógico compromete-se com o da solidariedade, da responsabilidade social e da cidadania ativa.

Nesta sequência propomo-nos apresentar e analisar um Projeto de voluntariado em contexto escolar, que corporiza o estudo de caso que temos vindo a caracterizar.

O Projeto, relembramos, surgiu num estabelecimento de ensino privado, EEP, com a intenção de intervir junto de adolescentes com dificuldades escolares e/ou económicas, alunos de escolas públicas de um bairro periférico de Lisboa. Foi, assim, criado o CEA para colmatar problemas escolares e de exclusão social, com recurso a colaboradores (professores) voluntários do EEP. O espaço onde se desenvolve o CEA é exterior ao do EEP e localiza-se no bairro referido anteriormente.

Na apresentação e análise dos dados circunscrevemos a atenção na temática deste estudo, tal como a denominámos *O Voluntariado como*

promotor da vivência de valores e construtor de uma cidadania ativa. Igualmente, tivemos em conta as referências teóricas que explanámos anteriormente, a nível metodológico, como suporte para esta fase do estudo.

Considerámos importante organizar a apresentação e análise de resultados seguindo de muito perto as questões de investigação e os objetivos que presidiram a este estudo de caso. Neste sentido, foram definidos quatro aspetos considerados pertinentes para a exposição e interpretação da informação acedida. Assim, abordaremos as motivações e os objetivos do CEA enquanto Projeto de voluntariado em contexto escolar; o desenvolvimento de competências a nível pessoal e social dos participantes com enfoque prioritário nos alunos do CEA; apresentamos dados que evidenciam a clarificação de valores e a prática de uma cidadania ativa dos participantes e, ainda, os contributos deste Projeto de voluntariado para o desenvolvimento sustentado da comunidade onde se integra.

As várias fontes de dados foram analisadas individualmente, e serão apresentadas procurando-se o seu cruzamento num esforço de triangulação, como forma de depurarmos informação consistente sobre a temática em estudo.

A informação obtida proveniente de fontes de diversa índole e, considerando também os participantes com especificidades inerentes à função que desempenham no Projeto (alunos, professores), permitiu uma multilateralidade de pontos de vista úteis para a clarificação das questões inicialmente colocadas.

Os resultados que apresentamos emanam da análise documental, do produto de entrevistas realizadas e da observação naturalista do funcionamento do CEA.

Numa primeira fase, a documentação foi identificada e organizada segundo o teor de informação registado e, posteriormente, procedeu-se a uma leitura exploratória com vista à sua compreensão e interpretação. Verificou-se que deste trabalho emergiam indicadores do discurso dos

vários tipos de documentos que eram suscetíveis de se constituírem em categorias de significado. Deste modo, criámos grelhas de categorização de dados para os materiais decorrentes da análise documental e da realização das entrevistas (Apêndice E).

A análise documental reportou-se essencialmente ao Projeto Educativo (PE) do EEP em vigor até 2016/2017. O PE consiste num documento estruturante da filosofia educativa da escola, não revestindo um carácter estanque no seu conteúdo, podendo ser atualizado sempre que ocorra essa necessidade. A análise também contemplou a publicação trimestral do EEP, pela sua referência direta ao Projeto em estudo. Estas fontes documentais assumem designações específicas, tal como a seguir se indica.

Quadro 1 – Designação atribuída às fontes documentais

Fontes documentais	Designação
Projeto Educativo do EEP	PE
Publicação trimestral do EEP, out./dez., 2008	P1
Publicação trimestral do EEP, abr./jun., 2010	P2
Publicação trimestral do EEP, jan./mar., 2012	P3

Neste capítulo são, pontualmente, citados testemunhos extraídos de três artigos, incluídos nas Publicações trimestrais do EEP, editadas nos anos letivos de 2008/2009, 2009/2010 e 2011/2012, respetivamente, P1, P2 e P3. Correspondem, na mesma sequência, aos testemunhos que se indicam: uma professora voluntária do CEA e encarregada de educação de dois alunos do EEP; um bloco de três

breves testemunhos de colaboradores do CEA, respeitantes à realização de uma atividade de final de ano letivo, integrando conjuntamente alunos e professores voluntários do CEA e alunos e professores do EEP e, outro, de um ex-aluno do EEP e ex-coordenador do CEA. Indicamos a seguir as designações conferidas a esses testemunhos.

Quadro 2 – Designação atribuída aos testemunhos divulgados nas Publicações trimestrais do EEP

Testemunhos	Designação
Professora do CEA e encarregada de educação de dois alunos do EEP (P1)	T1
Três testemunhos inseridos na avaliação de uma atividade promovida pelo CEA (P2)	T2
Ex-aluno do EEP e ex-coordenador do CEA (P3)	T3

As entrevistas presenciais foram realizadas nos espaços físicos do EEP e do CEA em datas pré-agendadas. O produto de três entrevistas aos professores voluntários não foi possível recolher de imediato no CEA, como já foi referido no capítulo dois. No total, foram entrevistados oito elementos, sendo três alunos, três professores (colaboradores voluntários), o mentor e a supervisora do Projeto. Os seus depoimentos foram tratados e através dos indicadores de discurso, procurou-se a emergência de categorias e subcategorias de significação, para facilitar a interpretação articulada e integrada das várias declarações. Para a identificação dos entrevistados foi também definido um conjunto de designações abaixo mencionado.

Quadro 3 – Designação atribuída aos entrevistados

Entrevistados	Designação
Aluna	E1
Aluna	E2
Ex-aluno do CEA	E3
Mentor do Projeto	E4
Supervisora do Projeto	E5
Professor	E6
Professor	E7
Professora	E8

Neste âmbito assinalamos como um fator constrangedor a impossibilidade de obter dados resultantes de entrevistas a encarregados de educação dos alunos do CEA. Este aspeto não foi negligenciado, porém, não foi concretizado devido a dificuldades de articulação de tempo e horário disponíveis, entre aqueles elementos e a investigadora. Esta situação é suprida pelos depoimentos dos educandos, que mencionam os seus familiares por diversas vezes sendo, deste modo, possível aceder à sua opinião sobre o CEA, ainda que por via indireta.

Neste estudo apresentaremos também dados provenientes da observação do funcionamento de sessões de trabalho do CEA. Foram observadas duas sessões de apoio escolar do CEA, nas disciplinas curriculares de inglês e ciências naturais. Cada sessão teve a duração de 50 minutos, com um intervalo de 10 minutos entre cada sessão. As professoras mantiveram-se nas duas sessões, e o mesmo não aconteceu com o grupo de alunos que mudou em cada sessão, mantendo-se, no entanto, um total de cinco elementos. A observação realizada em cada uma das sessões coincidiu com a sua duração, ou seja, 50 minutos. Foi possível prestar atenção à interação dos alunos entre si e com as professoras, ao desempenho evidenciado em contexto de ensino-

aprendizagem. Os resultados desta observação serão oportunamente apresentados em complemento dos outros dois métodos de recolha de dados.

É todo este acervo de informação que passamos a partilhar, procurando aclarar as questões que inicialmente foram delineadas e presidiram a este estudo.

3.1 – Motivações e objetivos do Projeto de voluntariado em contexto escolar

A ideia da criação de um Projeto com as características do que apresentamos radica, em primeira análise, na filosofia que o EEP pretende imprimir na ação educativa de crianças, adolescentes e jovens, explanada nos princípios estruturantes do PE (2012/2013 em vigor até 2016/2017) “ (...) Formação integral da Pessoa Humana; Educação para a Justiça; Integração ética no mundo global; Espírito de Comunhão e Exigência de Qualidade (...) ” (p.5).

O referido documento também explicita metas, estratégias e a organização estrutural a que se propõe, tendo em vista a formação integral dos alunos:

(...) Valorizar um ensino de qualidade tendo em vista: (...) a equidade, promovendo a justiça e a inclusão; o desenvolvimento de competências sociais, cívicas, instrumentais, tecnológicas e ambientais (...); a descoberta de um projeto de vida e o ingresso no ensino superior. (...) Promovendo a participação cívica dos alunos; promovendo uma atitude científica e filosófica, humanista e artística perante a realidade; promovendo a responsabilidade, disciplina e participação; valorizando o esforço, confiança, autoestima e mérito; interagindo em grupos heterogêneos, sabendo relacionar-se bem com os outros, cooperar, gerir e resolver conflitos, encarando a mobilidade humana como uma realidade; agindo autonomamente, atuando num contexto amplo, afirmando e defendendo os seus direitos, interesses, limites e necessidades, assumindo os seus deveres. (...) fomentar o compromisso social da comunidade educativa; projetos de ação social, voluntariado e solidariedade (...) (pp.6,7,8).

No seguimento das linhas estratégicas expostas, compreende-se que todo o trabalho dos docentes do EEP invista na consecução dos objetivos definidos que, por sua vez, cria expectativas nos encarregados de educação, alunos e na(s) comunidade(s) educativa(s) onde está implantado e nos Projetos que concretiza.

O EEP incentiva a participação cívica dos alunos através de dinâmicas pedagógicas de reflexão sobre temas pertinentes e atuais, que induz tomadas de decisão e intervenção. É neste contexto que surge o Projeto:

(...) Todos os anos se promove para todas as turmas do EEP, um dia de reflexão sobre temáticas pré-definidas por ano de escolaridade. No final dessa jornada, e das reflexões realizadas surgem naturalmente problemáticas que se materializam em projetos. O CEA surgiu desta dinâmica (E4).

As ideias subjacentes aos projetos do EEP são, portanto, fruto de reflexão dos alunos e professores do EEP que, em conjunto, maturam as problemáticas e fundamentam as soluções, gerando planos de ação num processo de amplo envolvimento de todos, condição importante para o sucesso das iniciativas.

Com base nas entrevistas e nos documentos analisados, o Projeto pretendeu constituir-se como uma solução para uma situação – problema existente num bairro carenciado, multicultural da periferia da Alta Lisboa, nomeadamente, a falta de infraestruturas ao nível de apoio escolar/ATL a adolescentes, alunos de escolas públicas da zona circundante, fora do seu horário escolar. Estes alunos oriundos de agregados familiares disfuncionais e com dificuldades económicas têm acompanhamento deficitário das famílias, ficando grande parte do seu tempo entregues a si próprios e a vulnerabilidades da sua idade:

(...) Houve um apelo por parte da paróquia para apoio escolar a adolescentes (...) sem acompanhamento de ATL. As carências das famílias são extremas, não só em termos económicos como também disfuncionais na sua organização e em termos educacionais (...) (E4).

(...) O CEA pretende responder às carências dos adolescentes do meio em que está inserido. As necessidades são de vária ordem mas

pretendeu-se sobretudo prestar atenção às necessidades de apoio escolar de adolescentes (...) (E5).

(...) Este projeto justifica-se pelo local em que se desenvolve. Sabendo que existem carências a vários níveis no bairro e aproveitando a já presença de elementos do EEP, promoveu-se este apoio na educação das crianças que ali residem (...) (E4).

(...) Pela dificuldade de aprendizagem apresentado por algumas crianças, o apoio foi (...) para alunos do 5º ao 9º ano, independentemente da idade (...) (E8).

Todos os entrevistados anteriores caracterizam o bairro de implantação do CEA como carenciado a vários níveis, desde problemas económicos a disfunções de vária ordem, que se traduzem na falta de acompanhamento dos alunos pelas respetivas famílias. A carência de infraestruturas, nomeadamente, de ATL que recebesse adolescentes fora do seu horário letivo e, a falta ou parco acompanhamento por parte de famílias, levou ao lançamento do CEA. Também são referidas as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes que frequentam o 2º e 3º ciclo de escolaridade, e a especificidade do nível etário dos alunos para o desencadear do projeto.

São, portanto, as características do próprio bairro e da sua população, em concreto, os seus elementos mais jovens que justificam a criação do CEA. Neste sentido, salienta-se também o testemunho de uma professora (T1) sobre a caracterização do bairro e dos adolescentes:

(...) Um lugar nas fronteiras da cidade (...) como que empurrado para longe do olhar...onde vidas que *sobrevivem* percorrem um dia-a-dia sofrido, longe do conforto dos muros da cidade que se avista do alto (...). (...) Alguns já não acreditam neles; não acreditam que o mundo lhes vá dar alguma coisa de bom algum dia (...) estudar custa muito e a disponibilidade mental e emocional não favorece o esforço despendido (...).

As declarações dos alunos corroboram as afirmações anteriores, nomeadamente, a nível das dificuldades a nível escolar:

(...) Não tenho ninguém em casa que me possa ajudar com os trabalhos da escola, sobretudo os de francês e matemática, e por isso, venho ao CEA (...) (E1).

(...) tinha várias dificuldades na escola (...) (E2).

(...) tinha dificuldades em inglês, ciências naturais e físico-química (...) (E3).

Para além das motivações relacionadas com a falta de infraestruturas do bairro, outros motivos levam à criação do CEA.

O EEP ao consignar no PE “ (...) projetos de ação social, voluntariado e solidariedade (...) ” (p.8) abre-se em disponibilidade a todas as iniciativas que convocam a vontade de participar na sociedade. É, pois, daqui que parte toda a mobilização para este tipo de Projetos. Depois, há motivações pessoais que sustentam a sua concretização, e que estão patentes nos depoimentos dos professores, onde perpassa a sua conceção do exercício de voluntariado:

(...) Eis uma tarefa que me cabe cumprir ...fazer acreditar, dar esperança, fortalecer os espíritos, criar soluções (...) achei que estava na hora de dar um pouco mais de mim (...) estava na hora de dar o meu tempo em vez de bens ou até de dinheiro (...) (T1).

(...) Não duvidei em aderir a tal projeto, pois na altura tinha necessidade de me relacionar com algo assim. (...) Assim, consegui aproximar-me de diferentes vivências que me satisfizeram tanto a vontade de ajudar a sociedade como a de me integrar (...) (E6).

(...) Foi o meu filho que me falou do CEA, sendo ele um já antigo voluntário desta causa. (...) o gosto pela envolvimento com a sociedade(...) (E7).

(...) Após vir estudar para Lisboa, senti uma ausência de atividades de voluntariado (...) e estar habituada a este tipo de vivências (...) (E8).

As motivações cruzam-se com objetivos para fazer nascer a obra do Projeto. O CEA iniciou em 2008 mantendo-se em vigor e “ (...) ganhou raízes pela procura que tem tido na comunidade e pela permanência no terreno. As famílias que são os utentes do Projeto encaram-no como uma forma de ajuda aos seus filhos e às suas necessidades” (E4). O mentor do Projeto acrescenta:

(...) Fiz a apresentação do projeto junto das Direções das escolas de 2º e 3º ciclo da zona, e foi notória alguma resistência, ou pelo menos, indiferença face à proposta, uma vez que nunca chegou qualquer aluno endereçado pelas escolas (...).

Foi feito, portanto, um trabalho de divulgação junto das escolas da área do CEA que, todavia, nunca sinalizaram alunos para usufruírem da dinâmica proposta. O Projeto é conhecido das comunidades escolares próximas do CEA, não só pelo motivo atrás referido, como pelo testemunho dos alunos que declaram que falam acerca do Projeto com os colegas, professores e, os diretores de turma das escolas que frequentam:

(...) Falo com colegas, professores da escola (...) sobre os progressos que vou fazendo (...) (E1).

(...) Falo na escola com colegas, com a diretora de turma (...) Falamos sobre o que faço nestas aulas (...) (E2).

(...) Falava e falo com amigos e na escola (...) e através de SMS e no Facebook. Falo que o CEA ajuda a recuperar notas (...) (E3).

O CEA desenvolve o apoio escolar em complemento às atividades letivas dos alunos. A supervisora do Projeto (E5) explica sumariamente a organização e funcionamento do Projeto:

(...) Os alunos entregam o seu horário da escola que frequentam no início do ano letivo e indicam as suas necessidades para que se possa organizar o horário das sessões de apoio aqui no projeto. Temos cerca de 30 alunos, todos os dias das 17:00 às 19:00, exceto à 6ª que funciona das 15:00 às 19:00. Desenvolve-se apoio em várias disciplinas e, uma vez por semana, têm teatro e música. É assegurado também um lanchinho diário. No início do ano letivo e em cada período há a reunião com os encarregados de educação para se refletir sobre o percurso dos filhos. Os alunos pagam simbolicamente dois euros /mês. Há uma Bolsa para os alunos que não apresentam negativas ou que manifestam um nível de desempenho muito bom que pode atingir os 50 euros; este bônus pode ser direcionado para pagamento da renda de casa, luz, aulas de natação, de música; os alunos referem as suas necessidades e os seus anseios...ao longo do ano letivo também se promovem momentos de reflexão, com temáticas planificadas e convívio (...) (E5).

O mentor do Projeto (E4) esclarece “(...) O Projeto prevê a atribuição de Bolsas de Mérito que não assenta exclusivamente nas classificações mas premeia o empenho e a evolução apresentada pelos alunos(...)”.

A implementação do CEA consiste, portanto, em sessões diárias de apoio escolar em várias disciplinas, prestado por professores (alunos de 12º ano, ex-alunos universitários, docentes ou encarregados de educação do EEP ou mesmo elementos externos ao EEP) mobilizados a título voluntário. As famílias fazem parte do processo, desde logo, ao procurar a integração dos seus educandos no CEA, e ao serem chamadas a participar em reuniões pontuais, a fim de se inteirar da situação dos alunos.

Em todo o processo, salienta-se a atribuição de Bolsas de Mérito para encorajar os desempenhos escolares, ainda que não visem essencialmente as boas classificações, mas o reconhecimento dos progressos evidenciados. O serviço prestado pelo CEA não é gratuito, ainda que o valor pago seja verdadeiramente simbólico (dois euros), mas assume uma vertente educativa, porque valoriza o serviço que é usufruído. Subjaz uma dinâmica de valorização do esforço e do trabalho a interiorizar pelos alunos como forma de atingir objetivos, estando, aliás, este aspeto definido como estratégia no PE “ (...) Valorizando o esforço, confiança, autoestima e mérito (...) ” (p.7).

Os professores também referem os objetivos do Projeto:

(...) A nível escolar, as crianças são acompanhadas nas disciplinas em que mostram mais dificuldade, variando entre 1 a 2 horas semanais por disciplina. Desde que existam voluntários disponíveis as crianças podem ser apoiadas em todas as disciplinas que sintam necessidade. Existem outro tipo de atividades que não implicam diretamente um apoio escolar, é o caso das aulas de viola, de teatro e de desporto (...) (E6).

(...) uma ideia que se tornou projeto, um projeto que ganhou vida (...) para que esta se estenda a todos (...) (T1).

Os depoimentos anteriores mostram que o CEA tem um plano educativo abrangente; não se cinge ao apoio escolar mas disponibiliza

outras áreas importantes para a formação dos indivíduos como a arte e o desporto, e, segundo a professora (T1), gera vida para os alunos.

Os alunos manifestam a sua perspetiva sobre os propósitos do CEA:

É uma forma de transmitir conhecimentos (...). Estudo, converso com amigos nos intervalos de 10 minutos entre as 18:00 e as 18:10; faço o TPC, tiro dúvidas e estudo para os testes; nunca tive negativas graças ao CEA e tenho melhorado os resultados; na matemática passei de suficiente para três *Bom* seguidos. (...) Para além de me ajudar a estudar para os testes gosto de atividades que fazemos no verão (...), vamos à praia e a outros lugares que não conheço e no Natal vamos ao cinema, temos um lanchinho-convívio, também recebemos presentes (...) (E1).

Estive 4 anos, desde o 5º ao 9º ano, porque tinha dificuldades em inglês, ciências naturais e físico-química. (...) Fazia os TPC, corrigia testes, fazia fichas, tirava dúvidas, fazia resumos, cópias para melhorar a caligrafia e lia para melhorar a leitura (E3).

Todos os alunos identificam o principal objetivo do CEA como o apoio no estudo e a melhoria dos seus desempenhos escolares. Porém, salientam também as atividades lúdicas que, em paralelo, também realizam e que registam com grande contentamento. Associado às atividades letivas são planeadas outras que abrem horizontes educativos, também de socialização e contacto com realidades que o meio familiar nem sempre proporciona.

Relativamente ainda aos objetivos deste Projeto, os dados resultantes da observação das sessões de trabalho, evidenciaram que os alunos se mostraram concentrados nas tarefas atribuídas pelas professoras, sendo observável um bom ambiente de estudo e trabalho, e uma boa autonomia no manuseamento de diversos materiais e na pesquisa de informação. Foi também notória a existência de um ambiente calmo e promotor do trabalho, que foi constante, desde a entrada na sala, sem ruído e de forma organizada até ao final da sessão, apesar de permanecerem sempre na sala, sete elementos. A grelha de observação que a seguir se apresenta, com excertos da observação realizada, permite evidenciar o atrás exposto.

Quadro 4 – Excertos da observação das sessões do Projeto

OBSERVAÇÃO DE SITUAÇÕES/COMPORTAMENTOS	NOTAS
<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos entram na sala acompanhados das professoras; todos saúdam a observadora e dirigem-se à sua mesa com a respetiva professora. Trocam impressões entre eles e com as professoras em voz baixa. (...) - Os alunos realizam os TPC, respondem a fichas formativas e um aluno da mesa 2, faz revisões para ficha de avaliação. - Um outro aluno da mesa 2 levanta-se e dirige-se a uma das estantes para ir buscar um dossier de trabalho; sorri para a observadora e regressa ao seu lugar; recomeça o seu trabalho. - As professoras prosseguem o seu apoio respondendo às questões solicitadas e corrigem algumas imprecisões dos alunos - As professoras anunciam o final da sessão - Os alunos arrumam os seus materiais, despedem-se das professoras que desejam bom trabalho e fazem algumas recomendações finais. Desejam bom fim-de-semana. - Os alunos despedem-se também da observadora, dizendo “boa tarde!” (...) 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrada processa-se de forma organizada e sem ruído - Há um ambiente de boa disposição, calmo e promotor de trabalho - Os alunos estão concentrados (não se perturbam com a presença da observadora) e interagem com as respetivas professoras; por vezes trocam impressões entre eles (os da mesma mesa) para se entaajudarem - Apesar dos 7 participantes presentes na sala não se verifica ruído ambiente incomodativo ao trabalho realizado individualmente nas duas mesas - Os alunos estão empenhados no seu trabalho e apresentam hábitos autónomos de trabalho - Alunos e professoras trabalham evidenciando um consistente nível de empatia entre eles - Os alunos mostram regras de convivência social.

Um Projeto de voluntariado do tipo do que temos vindo a estudar encerra motivações de vária ordem: as que relevam da necessidade de obviar soluções para determinados diagnósticos de necessidades, e as que se fundam em motivos pessoais que correspondem a *vontades* de participação em projetos de ação social. Os objetivos prendem-se com o apoio a nível escolar e ampliam-se para outros domínios de formação integral dos adolescentes.

3.2 – O desenvolvimento de competências a nível pessoal e social dos alunos

O objetivo imediato do Projeto é, como vimos, o apoio e aproveitamento escolar, o desbloqueio e rentabilização do desempenho escolar. É este o seu objetivo imediato; contudo, o trabalho no terreno e o contacto com alunos extravasa para a dimensão mais ampla, a educativa.

Neste sentido, o mentor do Projeto (E4) afirma que “ (...) Os alunos que iniciaram não traziam hábitos de trabalho autónomo ativo; sem regras de comportamento (muito ruído); pouco propensos à atitude de concentração e estudo, e consequente, fraco aproveitamento escolar. O objetivo principal foi inverter esta situação. A partir da falta de aproveitamento escolar fez-se um investimento na reflexão e trabalho de atitudes (...) ”.

Este depoimento é corroborado pelos testemunhos dos alunos que referem mudanças na sua forma de ser, estar e na relação com a *Escola* decorrentes da sua presença no CEA:

(...) Neste momento já não estou a participar no projeto porque estou no 10º ano e tenho 16 anos, mas venho cá frequentemente, não me consigo desligar porque foi uma marca na minha vida. (...) Graças ao CEA nunca reprovei e superei sempre as dificuldades. Ficava mais seguro nas matérias. (...) A relação com os professores permite uma maior ajuda, compreende-se melhor a matéria do que com os da escola. (...) três primos(no CEA) um no 6º ano e dois no 8º ano. Eles melhoraram o seu aproveitamento e aprendizagem. Ganha-se o gosto por estudar; é uma grande utilidade para o futuro. (...) Falo (com amigos, na escola, no bairro, através de SMS e Facebook) que o CEA ajuda a recuperar notas, que ganhei objetivos. Um dia gostava de ser fisioterapeuta ou cirurgião. (...) Melhorei o aproveitamento e o comportamento; eu era muito reguila e estou mais calmo, tolerante e mais responsável graças à convivência com as pessoas em redor (...) (E3).

(...) sinto-me mais segura. (...) As atividades não são uma ‘seca’; fazemos tudo com gosto. (...) quando estou triste ou irritada com o meu irmão, venho aqui e fico com melhor disposição.(...) Adoro cães e um dia gostava de ser veterinária e sei que tenho de trabalhar muito para isso. No CEA trabalha-se muito a responsabilidade porque se faltar muito, terei de sair daqui e não conseguirei o que quero. Os professores dizem que estou mais sociável. (...) Recebo muito afeto no CEA (E1).

(...) estou mais segura da matéria e mais bem comportada e responsável. Cresci muito. (...) Melhorei a autoestima, a responsabilidade, sinto-me mais segura e criei objetivos (E2).

Os vários testemunhos dos alunos apontam para a auto percepção de transformações a nível de aquisição de competências pessoais. Testemunham o desenvolvimento de comportamentos responsáveis e tolerantes, maior autodomínio na relação com os outros, maior segurança face aos desafios da escola através do ganho do gosto pelo estudo. O autoconceito dos alunos melhorou e afirmam estar mais confiantes. Quase todos referem que, a participação no CEA os levou a criar e a consciencializar objetivos, e acreditam que é possível atingi-los com trabalho e esforço. Igualmente se salienta o esboço de projetos de vida relacionados com a vida profissional e a valorização da assiduidade ao CEA, para se conseguir realizar as ambições pessoais. O Projeto inscreve-se pela positiva no quotidiano daqueles adolescentes que, na opinião do ex-aluno, é uma marca nas suas vidas e o futuro está também associado aquilo que o CEA lhes proporciona.

Os testemunhos anteriores espelham as metas e as estratégias presentes no PE “ (...) a formação integral; a descoberta de um projeto de vida (...) promovendo a responsabilidade, disciplina, e participação; valorizando o esforço, confiança, autoestima e mérito (...) ” (pp.6,7).

O mentor do Projeto (E4) também adianta que “Trabalha-se a responsabilização das atitudes que é, aliás, a grande mudança que é visível nestes adolescentes. (...) Aprende-se a valorizar os desempenhos individuais e a trabalhar a autoestima”. A supervisora do Projeto (E5), na mesma linha de pensamento, menciona “Por vezes, há também necessidade de ajudar a discernir e a ter uma opinião; outras, a dar-lhes a ideia da perseverança para que não se percam... (...)”. Há uma grande aposta no acompanhamento destes adolescentes ao nível do seu crescimento enquanto pessoas, sendo de relevar o papel que se atribui à responsabilização dos comportamentos e do autoconhecimento para fortalecer desempenhos individuais.

Os professores estão em sintonia com as declarações anteriores. Um professor (E6) acrescenta “ (...) No momento em que se acompanham estas crianças na sua fase de crescimento e conseguimos distinguir melhorias nas atitudes comportamentais e melhoria no desempenho escolar concluímos que existe uma real contribuição na formação desta população etária (...)”.

Outra professora (E8) confirma “ (...) Sim, este projeto contribui para a formação destes jovens nesta comunidade, pois é notável ao longo destes anos de voluntariado, o crescimento emocional e cultural destas crianças (...)”.

Julga-se, portanto, que as mudanças nas atitudes e comportamentos individuais são significativas, a avaliar pelas declarações dos adolescentes e dos professores.

Já no que se refere a competências do ponto de vista social também os alunos relatam progressos visíveis em comportamentos mais inclusivos e respeitadores do Outro, nas suas vivências e interações em comunidade:

(...) Tenho aqui amigos e é a minha segunda casa... é uma fonte de inspiração. Mudei e alterei para melhor; anteriormente era compulsiva, queria uma amiga só para mim e agora percebi que temos de ser de todos. Os professores dizem que estou mais sociável (...) (E1).

(...) Há uma boa relação de amizade entre todos (...) (E2).

(...) Conheci novos colegas, fiz novas amizades. Fiz muitos passeios (...), foi quando acampeei pela primeira vez (...) (E3).

Estes testemunhos denotam reflexos introspetivos sobre competências que os próprios alunos conseguem consciencializar, de forma espontânea, a nível das transformações que verificaram no seu crescimento. Não é alheio a este processo, a interação e a empatia com os professores que, os alunos respeitam e nos quais confiam. Uma aluna referia, anteriormente, que recebe muito afeto no CEA. Mais uma vez está presente a filosofia do PE “ (...) Interagindo em grupos heterogêneos,

sabendo relacionar-se bem com os outros, cooperar, gerir e resolver conflitos, encarando a mobilidade humana como uma realidade (...)”(p.7).

Os professores observam também que estes adolescentes alteraram comportamentos e enriqueceram competências pelo contacto social alargado, por exemplo, nas atividades de características lúdico-culturais, promovidas, pontualmente, ao longo do ano. A este propósito o testemunho (T2) relata:

(...) sinto que os alunos dificilmente esquecerão esta atividade. Apesar de se conhecerem entre eles e de nos conhecerem a nós, que os ensinamos e lhes transmitimos tudo o que os possa ajudar na sua formação como elos na sociedade, é em situações destas que os laços se estreitam e onde é possível sentir que a nossa presença condicionou e continuará a condicionar determinadas atitudes e sentimentos. (...) aprofundaram sentimentos de aproximação (...).

O discurso anterior reporta-se à importância das atividades extracurriculares como um agente promotor de socialização e de proximidade entre todos os intervenientes. Também se refere aos adolescentes como futuros elos na sociedade, numa alusão à sua formação como um contributo para a coesão social e, portanto, expressão de apropriação de competências sociais e de cidadania.

O mentor e a supervisora do Projeto, igualmente, referem as potencialidades das atividades extracurriculares no desenvolvimento de competências pessoais e sociais:

(...) Ora, fazem-se atividades lúdicas como canoagem, paintball, aprendem-se hábitos sociais (colocar uma mesa, por exemplo...).Desenvolve-se a tolerância e o respeito para com o Outro, a correção na forma de falar e na apresentação face ao Outro, promove-se o convívio saudável (sem ruídos desnecessários ou violência) (...) (E4).

(...) as regras de boa educação- saudar o Outro, agradecer; lembro-me das palavras do Papa quando afirma a importância do muito obrigado; com licença...; o acolhimento, trabalhar nas pequenas coisas (...) (E5).

Das declarações anteriores sobressai o esforço pedagógico em estratégias de desenvolvimento de competências pessoais e sociais, relacionadas com o aprender a descobrir-se enquanto pessoa e aprender

a estar na relação com o Outro. A observação realizada das sessões de trabalho permitiu constatar que os alunos mostram regras de convivência social, colocando dúvidas e realizando as tarefas sem incomodar os colegas com ruído ou quaisquer comentários. Foi também registado que os alunos quando entraram ou saíram da sala de trabalho, saudaram e despediram-se da observadora.

3.3 – A clarificação de valores e a prática da cidadania ativa

O CEA prioriza a valorização do ser humano na sua singularidade, independentemente da sua origem social, étnica ou cultural. O mentor e a supervisora do Projeto afirmam:

(...) O objetivo do projeto é globalmente a promoção de vida para todos, os mais e os menos favorecidos com vista a criar consciência social (...) (E4).

(...) Os aspetos positivos são que as pessoas (adolescentes e famílias) que contactam com este projeto sentem-se valorizadas como pessoas; não são uma massa, são indivíduos (...) (E5).

Estes ideais estão, aliás, muito vinculados na filosofia do Projeto Educativo do EEP, dos quais salientamos "(...) a equidade, promovendo a justiça e a inclusão (...) Agindo autonomamente, atuando num contexto amplo, afirmando e defendendo os seus direitos, interesses, limites e necessidades, assumindo os seus deveres (...) "(p.6).

O apoio escolar é, sem dúvida, o motor do Projeto, embora sobrevenha a preocupação com a formação dos adolescentes, no sentido do autoconhecimento e clarificação de valores, que os tornem melhores pessoas e cidadãos. As atividades extracurriculares complementares promovidas conjuntamente EEP-CEA revelam-se fecundas, tanto na opinião dos alunos como dos professores.

Os alunos identificam valores como a solidariedade, a tolerância, o respeito pelo Outro e a amizade na dinâmica do CEA:

(...) Sim, porque me ajuda não só a mim como a outros. Querem que nós sejamos bons, uns para os outros; que o que recebemos saibamos distribuir, passar a outros...passar o testemunho. Estarmos aqui faz-nos dar valor à solidariedade, à entreaajuda, temos preocupação pelos outros e não sermos egoístas (...) (E1).

(...) sei de uma amiga que participou na distribuição de comida à noite aos sem abrigo e acho que gostaria também de poder ajudar. (...) Este projeto também nos ensina a ser mais tolerantes e a dar valor à solidariedade (...) (E2).

Dos excertos das entrevistas ressalta a preocupação do CEA com a clarificação e apropriação de valores por parte dos alunos; estes afirmam que na interação com os outros trabalham valores ligados à solidariedade, ao respeito pelo outro, ao altruísmo e à tolerância.

Um ex-aluno (E3) para além de valores que despertam a sua atenção, refere uma expressão que espelha o seu sentimento em relação ao Projeto, na influência ao nível do crescimento pessoal e social “ (...) Sim, ajuda as crianças a crescer mentalmente. Aqui sentimos que há amizade, solidariedade e igualdade, temos todos as mesmas oportunidades (...) ”. Por outro lado, também está patente a importância da igualdade de oportunidades relacionada com o ganho de consciência social. Esta temática sobressai nos ideais educativos do Projeto Educativo do EEP e do CEA como já foi documentado anteriormente.

Os professores entrevistados também manifestam a importância do CEA na formação dos alunos para além do estritamente curricular:

(...) Outro objetivo consiste na criação de laços afetivos com as crianças do CEA, de forma a receberem o que mais necessitam, desde carinho ao estímulo de valores (...) (E8).

(...) Os jovens que têm apoio sentem pelos colaboradores amizade e respeito, revendo-se muitas vezes naqueles que os ajudam (...) (E6).

(...) o apoio escolar como forma de transformar estas crianças, que nem sempre apresentam atitudes de responsabilidade social, em sujeitos mais coerentes (...) (E7).

Nesta sequência, salientamos a afirmação do mentor do Projeto que se enquadra numa dinâmica de descoberta e consolidação do Eu na interação com o Outro:

(...) São criadas atividades coletivas de final de ano letivo (...) a realizar em fim-de-semana, que assenta na mística da procura do que não existe realmente, mas existe dentro de cada um – à procura do *nada*...O projeto assenta na filosofia do *se recebeste, dá* que se passa aos nossos alunos e também aos alunos do projeto (...) (E4).

Estas declarações ilustram a estratégia pedagógica que preside à realização de atividades de final de ano letivo que aposta na formação dos alunos no encontro consigo mesmos e com os outros; é o despoletar do crescimento pessoal, a partir das vivências e escolhas efetuadas. Há também um apelo à partilha, à generosidade em relação ao Outro entendendo-se a realização pessoal através da construção do Bem Comum.

O testemunho de uma professora (T1) aponta o impacto do Projeto de voluntariado nas vidas dos vários participantes, como uma experiência de aprendizagem mútua, alunos e professores:

(...) Será uma aprendizagem constante que nos envolverá obrigatoriamente e à qual nos dedicaremos sem muitos limites. Uma experiência importante que poderemos fazer nas nossas vidas, deixando soltar os afectos e com uma enorme vontade de dar sem pensar receber nada em troca.

A interação entre alunos e professores no CEA ou fora daquele espaço pedagógico resulta num processo encorajador, pela oportunidade de reflexão sobre os seus comportamentos, e pelas escolhas conscientes de valores que os ajudarão, certamente, a encontrar percursos mais coerentes e equilibrados nas suas vidas.

Os alunos estão conscientes de que o CEA subsiste devido à prática de voluntariado dos professores, contudo, não parece que assumam ainda esse facto como expressão de cidadania ativa. Transparece, antes, nos seus testemunhos um misto de admiração,

reconhecimento e, simultaneamente, um desejo de imitar o exemplo dos professores:

(...) Os professores são simpáticos, ajudam e preocupam-se connosco. (...) Os professores dão-nos muita atenção; são carinhosos, muito mais próximos. (...) Conversei com amigos da escola e alguns acham impossível não receber dinheiro. É uma forma querida, são generosos; podiam estar com a família e vêm para aqui para apoiar e garantir um futuro melhor. Tem a ver com a forma como uma pessoa se entrega para ajudar sem receber nada em troca. Adoraria ser voluntária, continuar este projeto, ajudar os outros como me ajudaram a mim. Penso que sim, que serei voluntária (...) (E1).

(...) São pessoas que gostam de ajudar sem receber algo em troca (...) (E2).

(...) Acho que fazem bem; não pensam só neles e fazem os outros mais felizes e partilham os seus conhecimentos. É ajudar os outros, o próximo, sem receber nada em troca. Gostaria de ser voluntário e ajudar os outros (...) (E3).

Os alunos mostram conhecer o conceito de voluntariado, valorizam-no enquanto ajuda aos outros e todos referem que gostariam de ser voluntários tendo, mesmo, uma aluna sido assertiva ao declarar que será voluntária.

Os depoimentos dos participantes adultos (professores, mentor e supervisora do Projeto) por outro lado, manifestam a convicção de que o voluntariado, e neste caso concreto, em meio escolar, é um sinal de cidadania ativa. Assumem que, de uma forma despojada de interesse monetário, são agentes de intervenção numa comunidade com vários desequilíbrios e que ajudam na inclusão dos adolescentes, do ponto de vista educacional e social:

(...) Sinto que faço um esforço por construir uma sociedade mais justa e inclusiva; esbater o racismo – sinto que se chamar à atenção a um aluno negro e não a um branco, interpretam como marginalização...temos de falar uns com os outros, pedir desculpa...penso que ajudo no crescimento e na educação de crianças que poderão vir a ser bons cidadãos (...) (E5).

Depreende-se das palavras da supervisora do Projeto que consciencializa o objetivo de mitigar os desequilíbrios sociais e, no caso

concreto do projeto e do meio onde está implementado, de conseguir esbater o preconceito do racismo. É um agente construtor de cidadania ativa porque a sua intervenção educativa ajudará a transformar os alunos em bons cidadãos.

Os professores, por sua vez, também abordam a temática da cidadania:

(...) Junto das crianças do CEA tenho o objetivo principal de os ajudar a melhorar socialmente e de lhes fomentar valores que podem estar descuidados nas suas educações. (...) O voluntariado, para mim, não é mais que a prestação de serviços, seja de que natureza for, feitos com devoção, com o intuito de ajudar a sociedade (...) Este tipo de voluntariado, será, com certeza, uma forma de exercer cidadania, pois ao participar neste projeto beneficiamos os direitos que estas crianças têm, na sua educação e formação como elos da sociedade (...) (E6).

(...) Verifica-se um maior aproveitamento escolar e social dos jovens que beneficiam deste projeto. É visível, pelas suas classificações escolares e pela sua forma de atuação social, como cidadãos (...) (E7).

(...) Penso que este género de voluntariado demonstra cidadania, pelo facto destas crianças terem direito a uma educação e formação igual a todas as outras e através do CEA é possível (...) (E8).

Infere-se dos seus discursos que estão conscientes de que são cidadãos em exercício de cidadania ativa, ao trabalhar com os alunos em regime de voluntariado. Intervêm na formação daqueles adolescentes proporcionando condições de melhoramento de aprendizagem curricular e social, que no geral, têm resultados muito positivos. Neste aspeto, afastam problemas de abandono escolar precoce e delinquência juvenil, criando situações de igualdade a partir de uma formação académica acessível a todos.

Dos testemunhos dos participantes adultos ressalta também os efeitos que a experiência de voluntariado produziu igualmente nas suas vidas:

(...) A relação humana é muito importante e é um esforço para concretizar boas relações; não ver o acessório e estar atenta aos pormenores. Acho que me ensinou a estar mais atenta ao que está à minha volta (...) (E5).

A supervisora do Projeto menciona transformações na sua forma de ser decorrentes do contacto com o Projeto, nomeadamente, no investimento em interações positivas e na seleção mais criteriosa da valorização do que a rodeia – valorizar o essencial e alhear-se do acessório.

(...) Assim consegui aproximar-me de diferentes vivências que me satisfizeram tanto a vontade de ajudar a sociedade como a de me integrar. (...) A vivência do voluntariado ajudou-me a compreender sociedades e culturas diferentes daquela a que eu fui habituado, nomeadamente a das ex-colónias, pois essas são aquelas mais presentes no CEA (...) (E6).

No excerto anterior, o professor faz sobressair a sua própria integração, pela prática do voluntariado, numa sociedade que lhe era alheia, visto não ser natural de Lisboa. O contacto com os alunos permitiu-lhe uma relativização cultural pela proximidade com culturas diferentes.

O excerto seguinte põe a tónica na predisposição do carácter individual, concretamente, no desejo de apoiar causas sociais, como forma de reforçar valores de cidadania:

(...) Em termos de carácter, no momento em que se decide praticar voluntariado tem que existir a presença de determinados valores que predisponham o gosto pela envolvimento com a sociedade, sendo assim, tal projeto ajuda a reforçar os ditos valores (...) (E7).

Uma outra professora afirma “ (...) O facto de fazer voluntariado desde sempre, tem-me ajudar a relacionar com variadas pessoas de faixas etárias e vivências diferentes, despertando em mim o valor do que é a vida (...) ” (E8). Na afirmação valoriza-se o voluntariado como indutor do valor da vida.

Outros participantes adultos abordam a experiência do CEA no âmbito da prática da cidadania ativa:

(...) Fomos muito felizes naqueles dias, quebrámos barreiras, aproximámos alunos. (...) e mais uma vez constatámos que todos ficámos maravilhados com a espuma das ondas, o brilho da lua ou a

comichão da areia entre os dedos. Somos todos iguais! (...) participaram (...) num cruzamento de realidades e experiências (...) (T2).

(...) a verdade é que os miúdos que apoiamos (...) ensinam-nos mais do que nós lhes ensinamos (...) (T3).

(...) um mundo novo , no exercício de melhor forma de cidadania que é a solidariedade activa, o voluntariado interventivo e comunitário(...) (T1).

Os excertos acima expostos apontam para o intercâmbio de experiências entre todos os intervenientes no CEA e, num horizonte mais amplo, aquando da realização de atividades extracurriculares. Todos, adolescentes e adultos, aprendem num processo diversificado de interações propiciadoras da clarificação de valores emergentes do exercício da cidadania ativa, que, nas palavras da professora (T1) é o voluntariado interventivo e comunitário.

3.4 - Contributos para o desenvolvimento sustentado da comunidade

O Projeto CEA desponta de uma necessidade sentida numa comunidade específica, e estrutura-se à volta de disponibilidades, que se congregam para atuar como solução.

Incorporou o pólo religioso da comunidade que lançou o apelo, o EEP com colaboradores voluntários e encarregados de educação dos alunos, a constituição do CEA e os adolescentes. Em contexto escolar e, a partir do apoio escolar nas várias disciplinas do currículo do 5º ao 9º ano, o Projeto integrou recursos humanos em regime de voluntariado, e enfrentou o desafio pedagógico e educacional dos adolescentes.

Relembramos como a professora (T1) sintetiza este desafio:

(...) Um lugar nas fronteiras da cidade (...) como que empurrado para longe do olhar...onde vidas que *sobrevivem* percorrem um dia-a-dia sofrido, longe do conforto dos muros da cidade que se avista do alto (...) alguns já não acreditam neles, não acreditam que o mundo lhes vá dar alguma coisa de bom algum dia...estudar custa muito e a disponibilidade mental e emocional não favorece o esforço despendido. Eis uma tarefa

que me cabe cumprir...fazer acreditar, dar esperança, fortalecer os espíritos, criar soluções! (...).

O Projeto teve uma boa adesão e impacte na comunidade de implantação do CEA, pela crescente procura por parte das famílias da comunidade. Há vários membros da mesma família que frequentam o CEA e que passam testemunho a outros familiares. Esta situação é validada por várias declarações quer dos alunos quer dos professores e, nomeadamente, o mentor do Projeto (E4) afirma “ (...) O Projeto tem junto das famílias e na comunidade em geral uma aceitação imediata e continuam a procurar a integração no Projeto (...) ”. A supervisora do Projeto (E5), por sua vez, também adianta “(...) Quase todos os dias as famílias procuram o CEA face às dificuldades sentidas (...) ”.

Os professores participantes manifestam igualmente a implantação e o reconhecimento das potencialidades do Projeto na comunidade:

(...) Pela excelente aceitação do CEA junto da comunidade tem havido uma lista de espera de novas inscrições para apoio escolar. Isso demonstra o conhecimento que o projeto tem na comunidade e o amparo que parece fazer sentir aos encarregados de educação, na formação dos seus educandos (...) (E6).

(...) Toda a comunidade envolvente apresenta um excelente feedback deste projeto (...) (E7).

(...) Toda a comunidade tem noção do trabalho que é desenvolvido no CEA e também quer inscrever os filhos, mas pelo facto de não haver espaço para tantas crianças somos obrigados a negar a participação a tantas outras crianças (...) (E8).

Também os alunos apresentam opiniões concordantes com as que temos apresentado “ (...) o meu irmão também já tinha andado no CEA (...) ” (E1); “ (...) há mais pessoas novas (...) ” (E2) e um aluno refere que soube do CEA “ (...) através da minha tia e de uma prima que falaram com a minha mãe (...) ” e indica três familiares que frequentaram o CEA “ (...) três primos, um no 6º ano e dois no 8º ano (...) ” (E3).

Na comunidade não existindo ATL para acolher os adolescentes fora do período letivo, e sendo aqueles, provenientes de famílias

vulneráveis, a existência do Projeto concorre para dotar aquela população de apoio escolar e minimizar os riscos de desmotivação, absentismo e abandono escolar. Igualmente, contribui para a ocupação dos tempos livres dos mais jovens expostos a vulnerabilidades da adolescência e do meio complexo em que habitam, sendo, pois, um forte aliado na prevenção da delinquência juvenil. O CEA por estes motivos provê, de alguma forma, à sustentabilidade da comunidade envolvente, intervindo no sucesso escolar e minimizando riscos de comportamentos desviantes.

Os alunos percecionam os contributos do Projeto na sua vida:

(...) É uma forma de transmitir conhecimentos para termos um futuro melhor, concretizar sonhos e não desistir; temos de ter boas notas e conseguir um futuro melhor. (...) Adoro participar; transmite-me energia positiva e posso concretizar os meus sonhos. (...) Vêm para aqui para garantir um futuro melhor (...) (E6).

(...) Se o CEA não existisse não recuperaria notas e talvez não chegasse ao 10º ano porque andaria desmotivado e sem rumo (...) (E8).

Nas suas perceções, os alunos reconhecem que o futuro e a concretização dos seus sonhos interligam-se com a frequência do CEA, e que este ocupa um espaço nas suas vidas que, não existindo, poderia ser preenchido pela desmotivação ou outro tipo de solicitações que deslocaria o foco de atenção da vida escolar.

O Projeto tem a ambição de capacitar os adolescentes a nível escolar, para que melhorem o seu aproveitamento, e criem objetivos em relação ao seu futuro, integrados na sociedade. Serão eles próprios agentes transformadores das condições de origem familiar. A própria dinâmica do Projeto sugere que todos, à partida, têm as mesmas possibilidades, estão em pé de igualdade, para progredir, contudo, sem facilitismos, mas impondo uma cultura de responsabilidade, esforço e trabalho.

Nesta linha inscreve-se, uma vez mais, a metas do PE “ (...) a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento e da informação (...) a descoberta de um projeto de vida (...) (p.6).

Os alunos podem ter acesso a Bolsas de Mérito pelo seu desempenho e progressos evidenciados (excertos das entrevistas do mentor e da supervisora do Projeto) e, assim, obterem uma ajuda pecuniária para si próprios ou para alguma dificuldade familiar; não se trata de *dar* dinheiro, mas merecer o que se ganha, e consolidar a autoestima e as suas competências pessoais. Neste sentido, os alunos através do seu esforço podem assegurar, face a problemas pontuais, a sustentabilidade da estrutura familiar.

O depoimento da professora (T1) traduz o contributo deste tipo de Projetos para o desenvolvimento sustentado de uma comunidade apostando na educação dos seus membros mais jovens:

(...) achei que estava na hora de dar um pouco mais de mim. Numa pequena dádiva que poderia fazer a diferença na vida de crianças que, sem o nosso apoio, se podem transformar em mais um número das cifras preocupantes do insucesso escolar e da consequente marginalidade social (...) mas o cansaço sentido em cada terça-feira à noite, renova a minha esperança e o meu sonho numa sociedade integradora de real sucesso, capaz de contrariar aspetos negativos sociais, culturais e familiares das crianças e constituir-se como elemento compensador das desvantagens iniciais da vida de grupos socialmente desfavorecidos (...).

Os alunos quer do EEP quer do CEA em contacto com este tipo de Projetos tendem a replicar os modelos, ainda que noutros contextos e com outras problemáticas, tal como refere o mentor do Projeto (E1) “ (...) Sabemos que há nossos alunos [alunos do EEP] que colaboraram no CEA e que fundaram outros projetos; por exemplo, alunos da Universidade Católica que estão a promover outros projetos nas escolas em redor; na comunidade Vida e Paz há um ex-aluno voluntário a prestar serviço nas equipas da noite (...) ”.

Estes Projetos, relembramos a opinião de uma professora, intervêm no desenvolvimento de “ (...) um mundo novo, no exercício da melhor forma de cidadania que é a solidariedade ativa, o voluntariado interventivo e comunitário” (T1).

A implementação deste tipo de Projetos assume, embora a uma escala diminuta, uma função reguladora dos desajustamentos sociais, e

têm um bom acolhimento por parte dos elementos das comunidades onde se desenvolvem, porque criam expectativas de estabilidade e sustentabilidade, neste caso concreto, no acompanhamento de adolescentes na sua formação académica.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Where there is a will, there is a way.

Provérbio inglês

O estudo de caso que temos vindo a analisar perspetivou uma abordagem do exercício da prática de voluntariado em meio escolar, a partir de um Projeto criado por um estabelecimento de ensino privado, que se propôs intervir numa zona com população desfavorecida do ponto de vista económico e social.

A investigação conduzida assumiu como temática a explorar O *Voluntariado como promotor da vivência de valores e construtor de uma cidadania ativa* e, colocou questões que constituíram a bússola orientadora do presente estudo.

A opção metodológica incidiu num estudo de caso baseado numa investigação qualitativa de natureza descritiva e interpretativa sobre uma unidade de análise, examinada, atentamente, num determinado contexto. A este respeito, seguimos Ponte (1994):

(...) Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global do fenómeno de interesse (...) (p.2).

O Projeto estudado (CEA) surgiu da dinâmica de reflexão sobre várias temáticas, prática usual na comunidade escolar do EEP, articulada com o apelo por parte da paróquia de um bairro da periferia de Lisboa. Diagnosticado o problema – proporcionar apoio escolar a adolescentes, alunos de escolas públicas, fora do seu horário letivo, sem possibilidade

de usufruir de uma infraestrutura de ATL. Neste contexto, surgiu o desafio de resposta, através do apelo à comunidade educativa do EEP. Foi num esforço de congregação de vontades e das consciências cívicas dos colaboradores, que se ergueu e consolidou uma rede de voluntariado, a avaliar pela vigência do Projeto e os testemunhos obtidos.

O estudo, nas várias fases de elaboração, procurou dar respostas às questões, inicialmente, formuladas: De que modo o voluntariado influencia o desenvolvimento de relações interpessoais sustentadas em valores e a formação de cidadãos solidários, comprometidos num futuro coletivo e Como é que práticas de voluntariado realizadas em contextos escolares, podem promover oportunidades de desenvolvimento de competências sociais nos alunos nelas envolvidas. Conforme Godoy (1995) a investigação “ (...) Parte de questões ou focos de interesses amplos, que se vão definindo à medida que o estudo se desenvolve (...) ” (p.58).

A opção metodológica por um estudo qualitativo, levou à definição de um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de dados, segundo Ponte (2002):

(...) Por outro lado, as técnicas mais usuais de recolha de dados de natureza qualitativa são a observação, a entrevista e a análise de documentos (...). Na análise destes dados usa-se uma variedade de técnicas, incluindo a análise de conteúdo e a análise de discurso (...) (p.14).

O trabalho relativo aos resultados obtidos e, para conferir uma maior consistência e viabilidade na sua análise e, posterior, apresentação de conclusões, realizámos a triangulação dos dados, de acordo com Kohlbacher (2005):

(...) In the case of using qualitative content analysis in case study research, triangulation takes actually place on two different levels. On the first and more obvious level, data is triangulated by integrating different material and evidence (...) On second level, triangulation takes place by applying a method of analysis (qualitative content analysis) that has not been particularly developed for this purpose to a different research design (case study research)(...) (p.15).

Relativamente à primeira questão de investigação atrás enunciada, pudemos constatar que esta experiência de voluntariado se revelou frutífera para todos os intervenientes, quer da parte dos colaboradores voluntários, quer dos alunos. A partir do acompanhamento curricular regular, emergiram e foram tecidas relações interpessoais que extravasaram da dinâmica escolar para o processo educativo dos adolescentes. Este aspeto vem consignado no Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI divulgado pela UNESCO (1996) quando defende o papel da Educação no desenvolvimento de competências como *aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer e aprender a viver juntos*.

O contacto com os alunos atuou na sua formação pessoal e social pela oportunidade de clarificação de valores. Neste âmbito Medeiros (2010) afirma que “ (...) Temos de compreender os processos educativos na ordem do conhecer, do ser pessoa e no horizonte da problemática dos valores (...) ” (p.115) e Estanqueiro (2010) declara que “ (...) Para a formação do carácter, os alunos precisam de viver, desde crianças, experiências moralmente enriquecedoras, que os ajudem a interiorizar os valores básicos, em especial o valor da solidariedade (...) ” (p.108). Soares (2009) também corrobora “O envolvimento de alunos em projetos de voluntariado educativo é especialmente enriquecedor para o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para sua formação integral, como perseverança, comprometimento, integridade, solidariedade, iniciativa, autonomia, confiança e capacidade de resolução de problemas” (p.13).

Salienta-se, em todo o processo educativo, a visão estratégia do EEP, inscrita no seu Projeto Educativo, ao valorizar a dimensão da cidadania, concretamente, na implementação do projeto CEA, que se enquadra no discurso de Santos (2011):

(...) uma escola promotora de Educação para a Cidadania é aquela que educa pelo exercício e pela vivência quotidiana de cidadania. Assim sendo, e dado que se trata de uma área transversal, ela terá de enformar as opções a inscrever nos projectos educativos das escolas, as quais por

sua vez se terão de espelhar nas escolhas organizacionais que se fazem e obviamente que também nas práticas de governação e de relação (...) (p.27).

Os alunos referem que melhoraram o seu comportamento, que se sentem mais calmos e confiantes no desempenho escolar. Da tónica dos seus testemunhos, sobressai um trabalho ao nível da responsabilidade. Também se salienta, que valorizam a definição de objetivos, cuja aquisição, estão conscientes, depende diretamente do investimento pessoal. Aliás, a Bolsa de Mérito ao premiar os bons desempenhos/significativos progressos escolares, contribui para dar sentido ao esforço, às escolhas e prioridades dos alunos. A finalidade pedagógica é *ensinar o aluno a pescar em vez de lhe dar gratuitamente o peixe*. Nesta sequência salientamos Marques (2008) que destaca a importância das situações de ensino-aprendizagem decorrentes da envolvimento em experiências de voluntariado “ (...) O envolvimento em serviços de voluntariado e em actividades produtivas é uma maneira prática e eficaz de envolver as crianças e os jovens em experiências directas do tipo aprender fazendo (...) ” (p.18).

O exercício de voluntariado permitiu o desenvolvimento de relações interpessoais de proximidade entre os alunos e os professores, ancoradas em laços afetivos e respeito mútuo. Os professores constituem-se como modelos para os adolescentes, que os admiram e reconhecem o esforço solidário no apoio que lhes prestam. Nesta interação evidenciam-se valores como a solidariedade, o respeito pelo Outro, o altruísmo, a tolerância, a amizade, a igualdade social, tal como constam dos testemunhos dos alunos. Igualmente, referem que gostariam de ajudar outras pessoas e, futuramente, serem voluntários, manifestando já indícios da apropriação do conceito de cidadania como expressão de envolvimento com os outros em seu redor, com o todo social.

Do ponto de vista social e, considerando a segunda questão de investigação, as competências sociais dos alunos ampliaram-se através das interações em horizontes abrangentes e multifacetados, devido às

diversas proveniências sociais e culturais dos envolvidos. São também facultadas oportunidades informais de socialização fora do CEA, com experiências culturais, lúdicas e desportivas que marcam particularmente os alunos. São momentos especiais, de reflexão, de partilha e de descoberta. As vivências favorecem a descoberta do Eu, a formação do carácter através da convivência com o Outro. Nesta linha, Mollmann (2009) enfatiza o poder das vivências no despertar da razão “ (...) Mas a razão não se desperta a si mesma, é despertada na convivência com o outro e no dar sentido às vivências. E isso a todo instante (...) ” (p.3776).

Os alunos têm conhecimento do que é a prática do voluntariado, valorizam e compreendem a sua importância no imediato das suas vidas, não a apreendendo, ainda, como exercício de uma cidadania ativa. Sentem que os professores se preocupam com eles, que *são queridos*, e são solidários com os seus problemas, o que faz despontar a certeza, como afirmam, de querer integrar projetos do mesmo tipo, evidenciando que a filosofia subjacente ao Projeto, *se recebeste dá*, foi amplamente conseguida. Manifesta-se nos alunos o embrião de um futuro exercício de cidadania ativa, tal como Reis (2000) assegura:

(...) Com efeito, nos sistemas educativos das sociedades democráticas, os modelos de abordagem da educação para a cidadania revelam um claro avanço no processo de explicitação das intenções em domínios como a educação para os valores, o desenvolvimento do raciocínio moral e das atitudes democráticas. O desenvolvimento destes domínios está implícito na formação para o exercício de uma cidadania responsável (...) (pp.115,116).

Todos os adultos que colaboram no Projeto, afirmam que o apelo à prática de voluntariado, surge da necessidade de intervir na sociedade como forma de mitigar desequilíbrios e torná-la mais justa e inclusiva. Neste caso, concretamente, pondo os seus conhecimentos académicos ao serviço de uma comunidade de adolescentes, futuros cidadãos portugueses. Acreditam que a sua ação, ainda que exercida numa pequena célula populacional, marca o desenvolvimento daquela comunidade. No documento da DGE (2012), Linhas Orientadoras para a

Prossecução da Educação para a Cidadania, defende-se que a promoção de atividades de voluntariado por parte de uma escola ou outra instituição oferece aos alunos a possibilidade de construir uma sociedade mais coesa e solidária:

(...) uma escola promotora de Educação para a Cidadania é aquela que educa pelo exercício e pela vivência quotidiana de cidadania. Assim sendo, e dado que se trata de uma área transversal, ela terá de enformar as opções a inscrever nos projectos educativos das escolas, as quais por sua vez se terão de espelhar nas escolhas organizacionais que se fazem e obviamente que também nas práticas de governação e de relação (...) (p.27).

Podemos questionar-nos, como seriam as vidas dos adolescentes e das suas famílias se o CEA não existisse; ora, dos vários testemunhos verifica-se que a grande valia é proporcionar condições de igualdade e consciência social, para que se possam transformar em cidadãos capacitados com certificação académica, conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade. Através dos elementos mais jovens, é possível suscitar mudanças nas mentalidades e condições sociais da comunidade de origem. A mensagem de Ban-Ki-moon (2009) reporta:

(...) O voluntariado é uma fonte de energia e de resiliência a nível das comunidades bem como de solidariedade e de coesão social e pode propiciar mudanças sociais positivas, ao incentivar o respeito pela diversidade, a igualdade e a participação de todos. O voluntariado encontra-se entre os recursos mais importantes da sociedade (...).

O exercício de voluntariado, só por si, não tem capacidade de atuar na organização social, garantindo a justiça e a equidade social, funções inerentes às decisões políticas dos responsáveis governamentais. Todavia, as dinâmicas económicas, muitas vezes, em nome do desenvolvimento económico, geram e propagam desequilíbrios sociais, nem sempre suscetíveis de debelar pelas medidas dos governos nacionais. Surgem, então, espaços de intervenção cívica por parte de cidadãos atentos aos problemas da sociedade, nomeadamente, a fatores de exclusão social. A realização pessoal de cada cidadão, acreditamos,

entrecruza-se com a existência de comunidades compensadas do ponto de vista social, geradoras de futuros cidadãos equilibrados e felizes. Neste sentido, as práticas de voluntariado ganham expressão segundo o Estudo de Caracterização do Voluntariado em Portugal, Proact (2012) “ (...) o(a) voluntário(a) é visto(a), cada vez mais, como um actor económico e um agente de Desenvolvimento, que pode ter um papel importante na evolução das sociedades do século XXI (...)”(p.49).

Assinalamos neste estudo como constrangimento o facto de não ter sido possível entrevistar os pais e encarregados de educação dos alunos, o que impediu que obtivéssemos o seu testemunho sobre o CEA. A sua apreciação, todavia, chega até nós por via indireta, a partir dos testemunhos dos alunos e dos participantes adultos. Sabemos que valorizam aquele recurso educativo, pela frequência de solicitações de inscrição dos seus filhos e educandos e, também, por haver vários elementos da mesma família e de diversas famílias que frequentam o CEA.

A investigação realizada poderá incentivar novas pesquisas, aprofundando algumas temáticas/perspetivas que o presente estudo não contemplou. Poderá ter interesse enquadrar a perspetiva da Direção das escolas sobre o funcionamento do CEA; integrar igualmente o testemunho de diretores de turma de alunos do Projeto e dispor, assim, de uma apreciação mais ampla e abrangente do impacte do CEA. Outra dimensão de estudo poderá ser o acompanhamento dos alunos participantes neste estudo, ao longo do seu percurso escolar, e verificar sinais de integração ou dinamização de Projetos de voluntariado ou outras evidências de manifestação de cidadania ativa. Deste modo, seria possível uma apropriação do sucesso educativo do CEA a longo prazo.

Sabemos que a investigação que realizamos pelo facto de se tratar de um estudo de caso assume uma dimensão confinada a uma unidade de análise, um estudo de um Projeto de voluntariado com características particulares, limitando a generalização de conclusões. Neste aspeto, todavia, observámos Meirinhos e Osório (2010, citando Skate e Patton):

(...) Na opinião de Stake (1999), a finalidade dos estudos de caso é tornar compreensível o caso, através da particularização. Contudo existem circunstâncias em que o estudo de um caso pode permitir generalizar para outro caso (...) Patton (1990) substitui o termo generalização e opta pelo termo extrapolação. A extrapolação apresenta-se com um significado mais ágil e mais adequado no que se refere às possibilidades de transferência de conhecimento de um caso a outro caso posterior. As conclusões de um estudo poderão ser extrapoladas ou transferíveis para outros casos tendo em conta as similaridades das condições particulares e contextuais de cada situação (...) (p.54).

Cremos, assim, que é possível aplicar a estrutura de funcionamento do CEA noutras realidades com as mesmas problemáticas ou similares. Seria, aliás, interessante, um estudo comparativo da implementação de dois Projetos com características idênticas, centrado nos progressos evidenciados pelos alunos participantes.

Ainda numa perspetiva de aprofundamento do estudo realizado, adiantamos a hipótese de estruturar um Projeto de voluntariado numa escola, cujos participantes sejam os alunos, numa vertente de um programa tutorial entre pares.

Consideramos, por último, que o estudo de caso apresentado é um exemplo de voluntariado em meio escolar, ancorado na prática da cidadania ativa e solidária, numa cadeia de interdependências e complementaridades de todos os participantes.

O sucesso do Projeto anima, portanto, a possibilidade de poder ser aplicado noutra comunidade com problemas análogos. Avaliamos de forma significativa a sua importância, através dos ecos que ressoam das palavras dos participantes:

O voluntariado não se explica, VIVE-SE! (T1)

Se o CEA não existisse não recuperaria notas e talvez não chegasse ao 10º ano, porque andaria desmotivado e sem rumo.
(E3)

Adoraria ser voluntária, continuar este projeto, ajudar os outros como me ajudaram a mim. Penso que sim, que serei voluntária!
(E1)

As potencialidades abrem-se para outros contextos e outras problemáticas que, cada escola atenta e crítica, com os seus professores, alunos e famílias, saberá identificar e organizar-se para encontrar soluções criativas, construtivas e humanizadas.

A força do voluntariado, quando convocada e devidamente orientada, constitui-se como agente possibilitador e construtor de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Referências Bibliográficas

- Azevedo, M.C. (2010). Virtude da convivência para a Educação. Em Medeiros, E.O. (Coord.), *A Educação como projeto, Desafios de Cidadania*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (4.^aed.). Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação- um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação* (3.^aed.). Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. (2013). *Voluntariado em Portugal, Contextos, Atores e Práticas*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2007). *Research methods in education* (6.^a ed.). Taylor & Francis e-Library.
- Conselho da Europa (2010). *Carta do Conselho da Europa sobre a Educação para a Cidadania Democrática e a Educação para os Direitos Humanos*.
- Dias, J.R. (2010). A cidadania terrestre e a família e dignidades humanas. In Medeiros, E.O. (Coord.), *A Educação como projeto, Desafios de Cidadania*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na Educação - O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de Classes – uma estratégia de formação de professores* (4.^aed.). Porto: Porto Editora.
- Global Volunteer Conference. (2011). *Volunteering for a Sustainable Future – Declaration*, Tenth anniversary of the international year of volunteers. Global Volunteering Conference. Budapest: Hungary 15-17 September 2011.

- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas - RAE*, 35 (2), mar./abr.,1995, 57-63.
- Gómez, Á. I. P. (2010). Aprender a educar. Nuevos desafíos para la formación de docentes. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 68 (24,2),37-60.
- Kasinath, H.M. (2013). Understanding and using qualitative methods in performance measurement. *MIER Journal of Educational Studies, Trends & Practices* May 2013, 3 (1), 46-57.
- Ketele, J.M. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kohlbacher, Florian (2005). *The Use of Qualitative Content Analysis in Case Study Research*. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, 7(1), Art. 21.
- Lavezzo, E. (2010). *Comunicação e voluntariado educativo: a construção relacional da cidadania, da solidariedade e do capital social entre jovens*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade Cásper Líbero.
- Leigh, R. (2011) *Relatório sobre o Estado do Voluntariado Mundial - Valores universais para o bem estar global 2011*. Voluntários das Nações Unidas (VNU).
- Magalhães, P. (2009). *Educar para os valores e para a cidadania: análise informático-lexical para uma bibliografia temática integrada no Plano Nacional de Leitura*. Vila Real: Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Marques, R. (2003). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marques, R. (2008). *A Cidadania na Escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Medeiros, E.O. (2010). Filosofia da Educação e Cidadania: Caminhos de Projeto e Realização. In Medeiros. E.O. (Coord.), *A Educação como projeto, Desafios de Cidadania*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer: Revista de Educação*, 2(2), 49-65.

- Mollmann, A. (2009). *Vivências de paz na escola*. EDUCERE: IX Congresso Nacional de Educação, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCRS. Curitiba: Paraná.
- Nobre, F. (2010). *Gritos contra a indiferença*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, 3 (1), 3-18.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- PROACT (2012). *Estudo de Caracterização do Voluntariado em Portugal - Trabalho para o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado*. Lisboa: I.S.C.T.E..
- Reis, J. (2000). Cidadania na escola: desafio e compromisso. *Inforgeo*, 15. Lisboa: Edições Colibri pp. 105-116.
- Rio, O. (2012). O Tratado de Maastricht e os Cidadãos: cidadania ativa em contexto europeu. *Debater a Europa*. CIEDA e CEIS, 20(6),114-142.
- Rodrigues, S.Y, C. (2010). *Forças de carácter em jovens voluntários do projeto Solsal*. Tese de mestrado. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C.D., Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I:I, Julho de 2009.
- Salema, M.H. (2005). Teacher and trainer training in education for democratic citizenship competencies, methods and processes. *Journal of Social Science Education*,4(3),39-49.
- Salema, M.H. (2007).Citizenship education in Portugal. In Viola B.Georgi (Ed.) *The Making of Citizens in Europe: New perspectives on Citizenship education*. The Federal Agency for Civic Education in Germany,110-118.
- Santos, M. E. B. (Coord.). (2011). *Educação para a Cidadania – Proposta Curricular para os Ensinos Básico e Secundário*. Direção Geral de Educação.
- Savater, F. (2006). *O valor de educar*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Silva, J.V. (Ed.).(2008). *Empowerment - Capacitar para participar*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

Soares, J.B. (Org.) (2009). *Voluntariado Educacional: um dos caminhos para a cidadania*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Teixeira, E. B. (2003). A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*,1(2),177-201.

UNESCO Education Sector (2005). *United Nations Decade of Education for Sustainable Development 2005-2014 – International Implementation Scheme*. October 2005.

UNESCO (1996). *Quatro pilares da educação – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (Coord. de Jacques Delors). In *Educação: um tesouro a descobrir* (1999) Edição Brasileira – 4,89-102.

United Nations (2013). *The Millennium Development Goals Report 2013*.

Valente, M.O. (Org.) (2002). *A Escola e a Educação para os valores – Antologia de Textos*. Lisboa: Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Ventura,F.&Franco,J.(2011). *Do Eu solitário ao Nós solidário*. Lisboa:Verso de Kapa.

Viveiros, A. (2012). *O voluntariado promotor da cidadania ativa. Que lugar para a animação Sociocultural?* In <http://quadernsanimacio.net>, 15,enero, 1-15.

Williamson, H. e outros (Org.) (2005). *Charting the landscape of European youth voluntary activities*. Council of Europe.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Nacional

Constituição da República Portuguesa.

Decreto-Lei n.º 389/99 de 30 de setembro (cria o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado).

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho (revisão da estrutura curricular do ensino básico e secundário).

Direcção-Geral de Educação do Ministério da Educação e Ciência. (2012). Educação para a Cidadania - linhas orientadoras.

Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo português).

Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto (republicação da Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro -Lei de Bases do Sistema Educativo Português).

Lei n.º 71/98 de 3 de novembro (define as bases do enquadramento jurídico do voluntariado).

Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro - Estatuto do Aluno e Ética Escolar.

Portaria n.º 333/2012 de 22 de outubro – Programa de Escola Voluntária e atribuição do Selo de Escola Voluntária.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/2013 de 8 de maio (definição do Plano Nacional do Voluntariado 2013-2015).

Internacional

Conselho da União Europeia (2010). *Criação do Ano Europeu do Voluntariado 2011*. Jornal oficial da União Europeia, 22/1/2010, L17/43.

Regulation (EU) No 375/2014 of the European Parliament and of the Council of 3 April 2014 establishing the European Voluntary Humanitarian Aid Corps ('EU Aid Volunteers initiative'). Acedido em <http://eur-lex.europa.eu/legalcontent/EN/TXT/?qid=1400840068813&uri=CELEX:32014R0375> a 2 de maio de 2014.

Resolução n.º 40/ 212 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 17 de dezembro de 1985. (Convida todos os governos a celebrar anualmente, a 5 de dezembro, o Dia Internacional dos Voluntários).

SITES CONSULTADOS

Centro Europeu do Voluntariado. Acedido em <http://www.voluntariado.pt/left.asp?01.05.01> a 29 de março de 2014.

EACEA - Education, Audiovisual and Culture Executive Agency, European Voluntary Service (EVS).

Acedido em

http://eacea.ec.europa.eu/youth/programme/action2_en.php a 2 de maio de 2014.

European Volunteer Centre. Why volunteering matters?. Acedido em www.cev.be a 2 de maio de 2013.

Lipovetsky, G. – *O individualismo e consumo; os desafios de amanhã Apontamento de Comunicação. IVª Conferência Internacional do Funchal, 04 e 05 de Novembro de 2011* publicitado por de Miguel Costa (2012). Acedido em <http://rotasfilosoficas.blogs.sapo.pt/36820.html> a 1 de junho de 2013.

Observatório do Emprego e Formação Profissional (2008). *Estudo sobre o Voluntariado*. Acedido em www.oefp.pt a 2 de maio de 2013.

Plataforma Portuguesa das Organizações não-governamentais para o Desenvolvimento.

Acedido em <http://www.voluntariado.pt/left.asp?06.02.01>, a 23 de março de 2014.

Publius Terentius Afer (163 a.C.). *Heauton Timorumenos*. In the latin library. Acedido em

<http://www.thelatinlibrary.com/ter.heauton.html> a 23 de maio de 2013.

United Nations - www.un.org. a 19 de dezembro de 2013.

United Nations - Mensagem do secretário-geral da ONU. Acedido em

<http://www.unric.org/pt/actualidade/26550-mensagem-do-secretario-geral-da-onu-ban-ki-moon-dia-internacional-dos-voluntarios> a 29 de março de 2014.

Report of the Secretary-General of United Nations. *A life of dignity for all: accelerating progress towards the Millennium Development Goals and advancing the United Nations development agenda beyond 2015*.

Acedido em

http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/68/202 a 24 de novembro de 2013.

The Millennium Development Goals (MDGs). Acedido em <http://www.unmillenniumproject.org/goals/> a 30 de março de 2014.

The Universal Declaration of Human Rights. Acedido em <http://www.un.org/en/documents/udhr/> a 18 de setembro de 2013.

United Nations Resolutions. Acedido em <http://www.unv.org/news-resources/resources/un-resolutions.html> a 19 de dezembro de 2013.

United Nations Volunteers UNV, *What we do*. Acedido em www.unv.org a 10 de novembro de 2013.

United Nations Volunteers UNV, *What we do - Volunteerism for peace and development*. Acedido em www.unv.org a 10 de novembro de 2013.

United Nations Volunteers UNV. *Chefe UNV vê os jovens como atores engajados de desenvolvimento, Notícias e recursos*. Acedido em www.unv.org a 29 de março de 2014.

ONU Brasil. Acedido em <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/pnud/vnu/> a 29 de março de 2014.

Voluntários. Acedido em www.voluntarios.com.br a 29 de março de 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Guião de entrevista aos alunos

Tema: Projeto de voluntariado em contexto escolar.

Objetivos:

- Conhecer a perceção dos alunos participantes sobre a dinâmica educativa do Projeto em estudo
- Avaliar o tipo de mudanças pessoais e sociais decorrentes da operacionalização do Projeto.

Questões:

- 1 - O que é o projeto CEA? Para que serve o Projeto?
- 2 - Como soubeste da existência do Projeto?
- 3 - Há quanto tempo participas nas sessões do Projeto? Gostas de participar? Porquê?
- 4 - Que atividades realizas? Tem sido útil? Porquê?
- 5 - O que mais gostas no Projeto? O que mais gostas de fazer nas sessões do Projeto?
- 6 - Sabes que os colaboradores que trabalham contigo as várias atividades, fazem esse trabalho de forma voluntária, isto é, sem receber qualquer dinheiro pela sua atividade? O que achas disso?
- 7 - O que é para ti o voluntariado? Gostarias, um dia, de ser voluntário?
- 8 -Tens algum familiar a participar também neste Projeto? Quem? Porquê?
- 9 - Falas habitualmente com alguém sobre o Projeto? (colaboradores do projeto, professores, família...); O que costumas conversar/contar? Quais são os temas que gostas de conversar? (sobre a tua escola; as tuas dificuldades; os teus sucessos; sobre o que pretendes alcançar; sobre o teu desempenho nos dias em que vens ao CEA).
- 10 -Sentes que mudaste o teu desempenho escolar? E o teu comportamento? E a tua forma de ser? A forma de encarares a escola, os teus colegas, família, vizinhos...? Podes dar alguns exemplos?
- 11 - Achas que foi uma boa ideia a criação deste Projeto? Porquê?

APÊNDICE B – Guião de entrevista aos professores

Tema: Projeto de voluntariado em contexto escolar.

Objetivos:

- Compreender as motivações das práticas de voluntariado.
- Caracterizar a dinâmica do Projeto
- Avaliar o tipo de mudanças pessoais e sociais decorrentes da operacionalização do Projeto.
- Inferir valores e prática de cidadania ativa decorrentes do desenvolvimento do Projeto.

Questões:

1. O que é o Projeto *CEA*?
2. Qual a situação- problema que a escola quis resolver com a implementação deste Projeto?
3. Como soube da existência deste Projeto?
4. Há quanto tempo está integrado na equipa de colaboradores do Projeto? O que o levou a aderir a esta proposta?
5. Que tipo de trabalho desenvolve com os adolescentes que participam no Projeto?
6. O que é para si o voluntariado? Como vivencia, a nível pessoal, esta prática de voluntariado? Apercebeu-se de alguma mudança na sua vida, no seu carácter, na sua forma de ser antes e depois de participar neste Projeto?
7. Que tipo de valores desperta este Projeto nos intervenientes? (colaboradores, adolescentes apoiados, famílias dos adolescentes...)
8. Que ecos tem tido o Projeto, tanto na comunidade em que se desenvolve, como fora dela? Quais são os pontos positivos e a melhorar deste Projeto?
9. Sente-se um agente na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva? O voluntariado educativo é uma expressão do exercício da cidadania ativa? Porquê?
10. Este projeto, na sua opinião, contribui para a formação da população jovem da comunidade em que se insere? Porquê?

APÊNDICE C – Guião de entrevista ao mentor do Projeto

Tema: Projeto de voluntariado em contexto escolar.

Objetivos:

- Compreender as motivações subjacentes à criação do Projeto
- Caracterizar a ação do Projeto na solução do problema diagnosticado
- Avaliar a dinâmica e impacte do Projeto
- Inferir valores e prática de cidadania ativa decorrentes do desenvolvimento do Projeto.

Questões:

1- O que é o projeto *CEA*?

2- Quais os motivos subjacentes à sua criação? Que situação-problema o moveu a propor este tipo de Projeto?

3- Quando e onde começou o projeto a sua atividade e quais os objetivos que se propunha atingir?

4- A quem dirigiu essa proposta? De que forma foi acolhida inicialmente a ideia do Projeto? Registou adesão imediata ou foi notória alguma resistência?

5-Que eco tem tido o Projeto, tanto na comunidade em que se desenvolve como fora dela? Para além do apoio escolar com vista a melhorar resultados escolares que outros frutos ressaltam da implementação do projeto? Ao nível, por exemplo, da formação pessoal e social dos intervenientes? Que tipo de valores foi suscitado e celebrado pelos colaboradores voluntários e pelos adolescentes e respetivas famílias? Pode dar exemplos?

6-Considera que o Projeto ganhou raízes e se implantou como uma forma de intervenção no âmbito de uma cidadania ativa? Porquê?

APÊNDICE D – Guião de entrevista à supervisora do Projeto

Tema: Projeto de voluntariado em contexto escolar.

Objetivos:

- Compreender as motivações subjacentes à criação do Projeto
- Caracterizar a dinâmica do Projeto
- Inferir valores e prática de cidadania ativa decorrentes do desenvolvimento do Projeto.

Questões:

- 1- O que é o Projeto CEA? Qual a situação- problema que se quis resolver com a implementação deste Projeto?
- 2- Como surgiu este Projeto?
- 3- Que tipo de trabalho desenvolve com os adolescentes que participam no Projeto?
- 4- O que é para si o voluntariado? Como vivencia, a nível pessoal, esta prática de voluntariado? Apercebeu-se de alguma mudança na sua vida, no seu carácter, na sua forma de ser antes e depois de colaborar neste Projeto?
- 5- Que tipo de valores desperta nos intervenientes deste Projeto? (colaboradores, adolescentes apoiados, famílias dos adolescentes...)
- 6- Que eco tem tido o Projeto, tanto na comunidade em que se desenvolve como fora dela? Quais são os pontos positivos e a melhorar deste Projeto?
- 7- Sente-se um agente na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva? O voluntariado educativo é uma expressão do exercício da cidadania ativa? Porquê?
- 8- Este Projeto, na sua opinião, contribui para a formação da população jovem da comunidade em que se insere? Porquê?

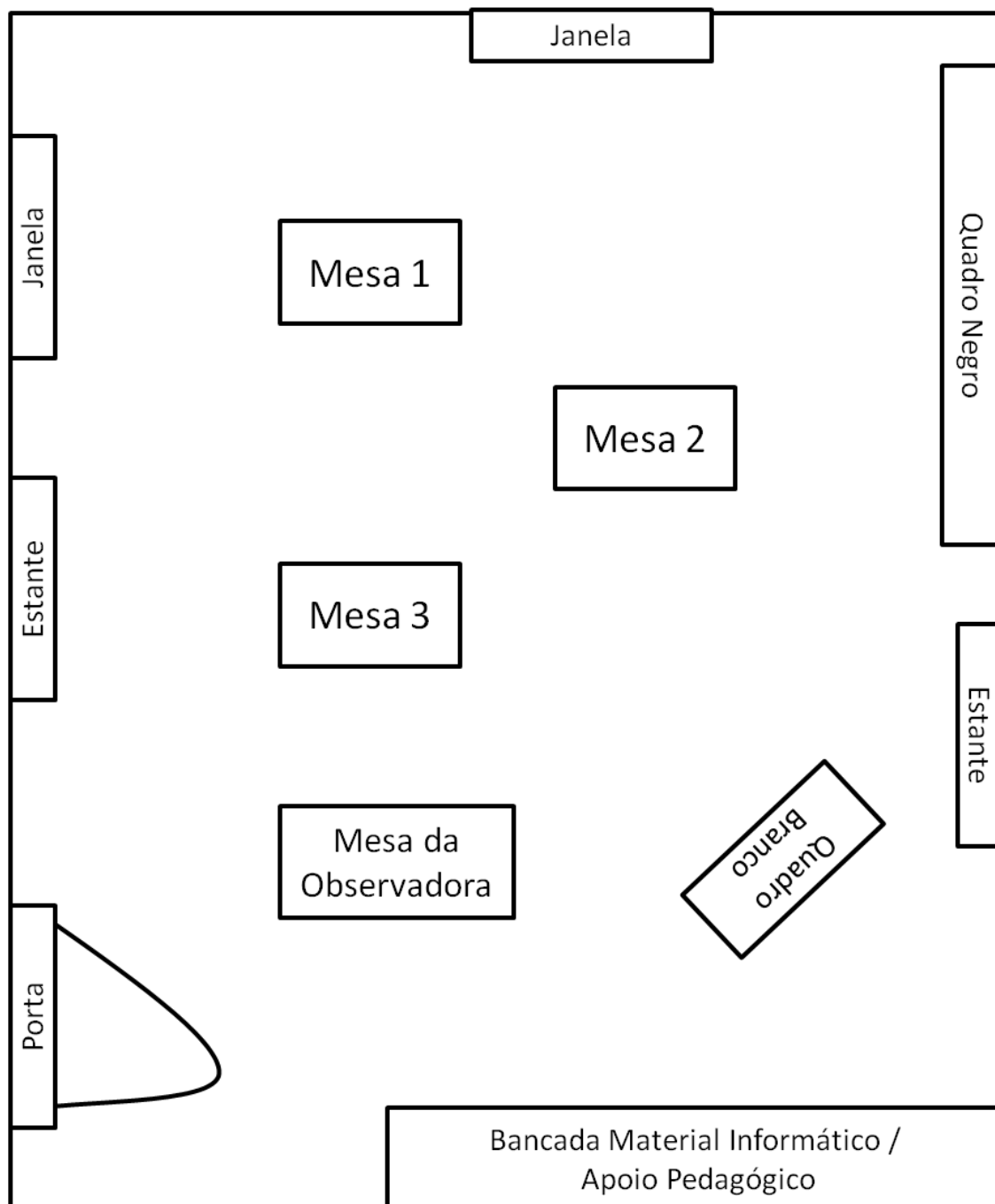
APÊNDICE E – Grelha de análise das entrevistas/documentos**Objetivo:**

- Proceder à categorização dos dados recolhidos.

CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES DE DISCURSO

APÊNDICE F – Disposição do espaço físico onde decorrem as sessões do Projeto



APÊNDICE G – Grelha de observação das sessões do Projeto**Objetivos:**

- Realizar a observação de sessões do Projeto CEA
- Observar a interação de participantes do Projeto CEA (alunos e professores) em contexto de apoio escolar.

HORA	OBSERVAÇÃO DE SITUAÇÕES / COMPORTAMENTOS	NOTAS